UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
CURSO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS ÀS NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

CAMILA VELOSO LINS

O *COUCHSURFING* SOB A PERSPECTIVA DE UMA MULHER QUE VIAJA SOZINHA NO EXTERIOR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

JOÃO PESSOA
2025

CAMILA VELOSO LINS

O *COUCHSURFING* SOB A PERSPECTIVA DE UMA MULHER QUE VIAJA SOZINHA NO EXTERIOR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de relato de experiência, apresentado ao curso de Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Vilmar Satur

JOÃO PESSOA
2025

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L759c Lins, Camila Veloso.
O couchsurfing sob a perspectiva de uma mulher que viaja sozinha no exterior: um relato de experiência / Camila Veloso Lins. - João Pessoa, 2025.
64 f. : il.

Orientador : Roberto Vilmar Satur.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2025.

1. Couchsurfing. 2. Viagem internacional. 3. Experiência intercultural. 4. Turismo alternativo. 5. Intercâmbio de hospitalidade. I. Satur, Roberto Vilmar. II. Título.

UFPB/CCHLA CDU 338.48-51

Elaborado por KARLA MARIA DE OLIVEIRA - CRB-15/485

CAMILA VELOSO LINS

O COUCHSURFING SOB A PERSPECTIVA DE UMA MULHER QUE VIAJA SOZINHA NO EXTERIOR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas, Línguas e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a conclusão do curso de Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais.

João Pessoa, 15 de abril de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Roberto Vilmar Satur (orientador)
DMI - UFPB

Profª. Dra. Gilmara Viviane Castor de Andrade (examinadora)
DMI - UFPB

Profª. Dra. Lyvia Camila Fernandes Madruga Barros (examinadora)
CCTA - UFPB

Profª. Dra. Maria Rennally Soares da Silva (examinadora)
DMI - UFPB

FOLHA DE IDENTIFICAÇÃO

Instituição	UFPB – Universidade Federal da Paraíba
	Endereço: Prédio da reitoria – Campus I - UFPB - Cidade Universitária - Cep: 58059-900 - João Pessoa – PB (Brasil) Site: <http://www.ufpb.br>
Dirigentes	Reitoria: Reitora: Profa. Dra. Terezinha D. D. Martins Pró-Reitoria de Graduação (PRG) Pró-Reitora: Profa. Dra. Ana Claudia da Silva Rodrigues Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) Diretor: Prof. Dr. Rodrigo Freire De Carvalho E Silva Vice-Diretora: Profa. Dra. Thaís Augusta Cunha de Oliveira Máximo Departamento de Mediações Interculturais (DMI): Chefe: Profa. Dra. Camila Braga Vice-Chefe: Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA-NI): Coordenador: Profa. Dra. Maria Rennally Soares da Silva Vice-Coordenadora: Profa. Dra. Ana Carolina Vieira Bastos
Trabalho de Conclusão de Curso	O Couchsurfing sob a perspectiva de uma mulher que viaja sozinha no exterior: um relato de experiência
Execução	Orientador: Prof. Dr. Roberto Vilmar Satur Aluna: Camila Veloso Lins

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu núcleo familiar: Rizoneide Lemos, que é minha tia do coração e foi a minha segunda mãe na minha criação. A Lucas V. Lins e Matheus V. Lins, meus irmãos de quem sinto saudade imensa sempre que estou longe e tentando me achar. Ao meu pai, Luciano Lins, que acredita em todos os meus potenciais e proporciona conversas existenciais no café da manhã. À minha mãe, Kátia Goretti V. Lins que me trouxe ao mundo e sempre me incentivou a ir de maneira artística e independente em direção à ele. A vocês, meu núcleo maluco e caótico, meus primeiros amores: obrigada.

Agradeço ao meu professor orientador, Roberto Vilmar Satur. Professor, obrigada por puxar a minha orelha quando necessário, por me lembrar de desacelerar e sempre priorizar a saúde e ser extremamente presente enquanto docente e tutor. À você, minha imensa gratidão.

Agradeço a todos os amigos e amigas que me acompanharam durante a graduação, de perto ou de longe. Um agradecimento especial a Gilvan Mota Junior, que foi o primeiro a me tranquilizar quanto ao que é escrever um TCC e a ler este trabalho.

Agradeço a Lucas Peixoto, que esteve presente diariamente nesse momento da minha jornada, me motivando com carinho. Obrigada por compartilhar a tua existência e sonhos comigo. À você, meus agradecimentos e no presente, o meu coração.

Minha imensa gratidão à comunidade do CouchSurfing e a todos que abriram suas portas para mim.

Mi inmensa gratitud a la comunidad de Couchsurfing y a todos los que abrieron sus puertas para mí.

My deepest gratitude to the Couchsurfing community and to everyone who opened their doors to me.

Ma profonde gratitude envers la communauté Couchsurfing et à tous ceux qui m'ont ouvert leurs portes.

RESUMO

Este trabalho explora meios alternativos de hospedagem, em específico a comunidade do *Couchsurfing,* e suas vantagens em termos de ganhos culturais, acolhimento e economia. O objetivo é relatar a experiência pessoal que tive utilizando o *Couchsurfing* em treze países (incluindo o Brasil) e observar o impacto que as diferentes culturas me causaram em cada hospedagem. A metodologia escolhida foi a narrativa autobiográfica baseada nos autores Josso (2004) e Hutto (2006). Após conceituar turismo e hospitalidade com base nos autores Milheiro e Melo (2005) e Camargo (2004), redijo minha própria história como usuária da plataforma em formato de relato de experiência em primeira pessoa. Essa escolha proporciona um caráter pessoal à pesquisa, que explora as nuances e particularidades de ser uma viajante brasileira que dorme em "sofás de estranhos" que possuem uma cultura distinta da minha. O relato envolve experiências desse intercâmbio de hospitalidade em treze países e analisa os aspectos interculturais desses acolhimentos. Na parte conclusiva, são compartilhadas recomendações pessoais de segurança ao utilizar esse meio de hospedagem alternativo, de acordo com as experiências vivenciadas por mim.

Palavras-chaves: *Couchsurfing,* viagem internacional, experiência intercultural, turismo alternativo, intercâmbio de hospitalidade

ABSTRACT

This work explores alternative means of accommodation, specifically the Couchsurfing community and its advantages in terms of cultural gains, hospitality, and economy. The objective is to report my personal experience using Couchsurfing in thirteen countries (including Brazil) and observe the impact that different cultures had on me during each stay. The chosen methodology was autobiographical narrative, based on the authors Josso (2004) and Hutto (2006). After conceptualizing tourism and hospitality based on the authors Milheiro and Melo (2005) and Camargo (2004), I write my own story as a user of the platform in the form of a first-person experience report. This choice gives a personal character to the research, which explores the nuances and particularities of being a Brazilian traveler who sleeps on the "couches of strangers" with a culture different from my own. The report involves experiences of this hospitality exchange in thirteen countries and analyzes the intercultural aspects of these stays. In the concluding section, personal safety recommendations are shared based on the experiences I have had while using this alternative form of accommodation.

Keywords: Couchsurfing, international travel, intercultural experience, alternative tourism, hospitality exchange

RESUMEN

Este trabajo explora medios alternativos de hospedaje, en específico la comunidad de CouchSurfing y sus ventajas en términos de beneficios culturales, acogida y economía. El objetivo es relatar mi experiencia personal utilizando CouchSurfing en trece países (incluyendo Brasil) y observar el impacto que me causaron las diferentes culturas en cada hospedaje. La metodología elegida fue la narrativa autobiográfica, basada en los autores Josso (2004) y Hutto (2006). Después de conceptualizar el turismo y la hospitalidad con base en los autores Milheiro y Melo (2005) y Camargo (2004), escribo mi propia historia como usuaria de la plataforma en forma de un relato de experiencia en primera persona. Esta elección le da un carácter personal a la investigación, que explora los matices y particularidades de ser una viajera brasileña que duerme en los "sofás de extraños" con una cultura distinta a la mía. El relato involucra experiencias de este intercambio de hospitalidad en trece países y analiza los aspectos interculturales de estas estancias. En la parte conclusiva, se comparten recomendaciones personales de seguridad al utilizar este medio de hospedaje alternativo, de acuerdo con las experiencias vividas por mí.

Palabras clave: CouchSurfing, viaje internacional, experiencia intercultural, turismo alternativo, intercambio de hospitalidad

RÉSUMÉ

Ce travail explore des moyens alternatifs d'hébergement, en particulier la communauté CouchSurfing et ses avantages en termes de gains culturels, d'accueil et d'économie. L'objectif est de relater mon expérience personnelle en utilisant *Couchsurfing* dans treize pays (y compris le Brésil) et d'observer l'impact que les différentes cultures ont eu sur moi lors de chaque hébergement. La méthodologie choisie était le récit autobiographique, fondé sur les auteurs Josso (2004) et Hutto (2006). Après avoir conceptualisé le tourisme et l'hospitalité à partir des auteurs Milheiro et Melo (2005) et Camargo (2004), j'écris ma propre histoire en tant qu'utilisatrice de la plateforme sous la forme d'un récit d'expérience à la première personne. Ce choix confère un caractère personnel à la recherche, qui explore les nuances et particularités d'être une voyageuse brésilienne dormant sur les « canapés d'étrangers » ayant une culture différente de la mienne. Le récit implique des expériences de cet échange d'hospitalité dans treize pays et analyse les aspects interculturels de ces séjours. Dans la partie finale, des recommandations personnelles de sécurité sont partagées en fonction des expériences que j'ai vécues en utilisant cette forme alternative d'hébergement.

Mots-clés: *Couchsurfing*, voyage international, expérience interculturelle, tourisme alternatif, échange d'hospitalité

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Captura de tela de página inicial do *Couchsurfing* 24
Figura 2 - Registro da minha presença em Paris 30
Figura 3 - Registro da minha estada na Croácia 32
Figura 4 - Meu registro do Forte de Belgrado, no parque Kalemegdan 34
Figura 5 - Registro da minha presença em Budapeste 35
Figura 6 - Registro da minha presença em Viena 37
Figura 7 - Eu no parque The Meadows, em Edimburgo 39
Figura 8 - Eu no Lago Ness, próximo à Inverness 40
Figura 9 - Eu em Glasgow 41
Figura 10 - Registro em Liverpool 42
Figura 11 - Registro em Manchester 34
Figura 12 - Eu em Birmingham 45
Figura 13 - Minha estada em Bruxelas 47
Figura 14 - Eu em Berlim 49
Figura 15 - Eu em Valência 51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
1.1 JUSTIFICATIVAS 13
1.2 QUESTÃO-PROBLEMA E OBJETIVOS 15
1.2.1 Objetivo Geral 16
1.2.2 Objetivos Específicos 16
1.3 A ESTRUTURA DO TRABALHO 16
2 METODOLOGIA 17
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA AUTORA 18
3 REFERENCIAL TEÓRICO 20
3.1 O TURISMO E O TURISTA 20
3.2 O MOCHILEIRO 21
3.3 MOCHILÃO, HOSPITALIDADE E COUCHSURFING 21
3.4 A VIAJANTE 23
4 RELATO DE EXPERIÊNCIA 25
4.1 PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS: RECIFE (Brasil) 25
4.1.1 Minha Primeira Experiência 25
4.1.1.1 Percepções dessa primeira experiência 26
4.1.2 Minha segunda experiência 26
4.1.2.1 Percepções dessa segunda experiência 26
4.1.3 Minha terceira experiência 26
4.1.3.1 Percepções dessa terceira experiência 27
4.2 PARIS, FRANÇA 27
4.2.1 Experiência Paris 1 27
4.2.1.1 Percepções da experiência Paris 1 28
4.2.2 Experiência Paris 2 28
4.2.2.1 Percepções da experiência Paris 2 29
4.3 RIJEKA, CROÁCIA 29
4.3.1 Percepções da experiência Croácia 29
4.4 SARAJEVO, BOSNIA & HERZEGOVINA 31
4.4.1 Percepções da experiência Sarajevo, Bósnia e Herzegovina 31
4.5 BELGRADO, SÉRVIA 32
4.5.1 Percepções da experiência Belgrado, Sérvia 32
4.6 BUDAPESTE, HUNGRIA 33
4.6.1 Percepções da experiência Budapeste, Hungria 33

4.7 VIENA, ÁUSTRIA 34
4.7.1 Experiência Viena, Áustria 1 34
4.7.1.1 Percepções da experiência Viena, Áustria 1 35
4.7.2 Experiência Viena, Áustria 2 35
4.7.2.1 Percepções da experiência Viena, Áustria 2 36
4.8 ESCÓCIA 36
4.8.1 Experiência Escócia 1 36
4.8.1.1 Percepções da experiência Escócia 1 37
4.8.2 Experiência Escócia 2 37
4.8.2.1 Percepções da experiência Escócia 2 38
4.8.3 Experiência Escócia 3 38
4.8.3.1 Percepções da experiência Escócia 3 39
4.8.4 Experiência Escócia 4 39
4.8.4.1 Percepções da experiência Escócia 4 40
4.9 INGLATERRA 40
4.9.1 Experiência Inglaterra 1 40
4.9.1.1 Percepções experiência Inglaterra 1 41
4.9.2 Experiência Inglaterra 2 41
4.9.2.1 Percepções experiência Inglaterra 2 42
4.9.3 Experiência Inglaterra 3 43
4.9.3.1 Percepções experiência Inglaterra 3 43
4.9.4 Experiência Inglaterra 4 44
4.9.4.1 Percepções experiência Inglaterra 4 44
4.9.5 Experiência Inglaterra 5 44
4.9.5.1 Percepções experiência Inglaterra 5 44
4.9.6 Experiência Inglaterra 6 45
4.9.6.1 Percepções experiência Inglaterra 6 45
4.9.7 Experiência Inglaterra 7 45
4.9.7.1 Percepções experiência Inglaterra 7 45
4.10 BRUXELAS, BÉLGICA 46
4.10.1 Percepções dessa experiência Bruxelas, Bélgica 46
4.11 BERLIM, ALEMANHA 47
4.11.1 Experiência de Berlim, Alemanha 47
4.11.1.1 Percepções dessa experiência Berlim, Alemanha 47
4.11.2 Experiência de relacionamento intercultural pelo Hangout 48

4.11.2.1 Percepções dessa experiência sobre relacionamento intercultural pelo Hangout 48
4.12 ESPANHA 48
4.12.1 Experiência Espanha 1 48
4.12.1.1 Percepções dessa experiência Espanha 1 49
4.12.2 Experiência Espanha 2 49
4.12.2.1 Percepções dessa experiência Espanha 2 49
4.12.3 Experiência Espanha 3 50
4.12.3.1 Percepções dessa experiência Espanha 3 50
4.13 LISBOA, PORTUGAL 50
4.13.1 Percepções dessa experiência Lisboa, Portugal 50
4.14 DADOS GERAIS E REFLEXÕES SOBRE OS ANFITRIÕES 51
4.14.1 Síntese dos dados sobre os anfitriões 51
5 MINHA EXPERIÊNCIA COMO ANFITRIÃ 54
5.1 GARANHUNS 54
5.1.1 Percepções da experiência em Garanhuns 54
5.2 JOÃO PESSOA 55
5.2.1 Experiência João Pessoa 1 55
5.2.1.1 Percepções da experiência em João Pessoa 1 55
5.2.2 Experiência João Pessoa 2 55
5.2.2.1 Percepções da experiência em João Pessoa 2 56
5.2.3 Experiência João Pessoa 3 56
5.2.3.1 Percepções da experiência em João Pessoa 3 56
6 UM BREVE GUIA DE SEGURANÇA PARA COUCHSURFERS 57
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 58
REFERÊNCIAS 60

1 INTRODUÇÃO

A hospedagem e hospitalidade impactam diretamente na experiência de um viajante. Grande parte das pessoas opta por meios tradicionais de hospedagem: os hotéis. Quem tem mais recursos ou quer algo mais confortável ou privado pode optar por apart-hoteis, flats ou *resorts*. Outros, quando querem baratear custos buscam alternativas em pousadas, hostels, albergues, pensão, aluguel de casa, apartamento ou quarto (podendo ser a modalidade *guest house*, ou "cama e café" com quarto privativo, ou quarto semi-privativo e/ou compartilhado) e podem ser locados em aplicativos como *AirBnB* ou Olx e semelhantes.

Um desses meios alternativos mais conhecidos atualmente é o *AirBnB*, com mais de 5 milhões de anfitriões pelo mundo (AIRBNB, 2024). Porém, há meios alternativos para quem busca fugir do tradicionalismo turístico. O mais usual é ficar na casa de parentes, amigos ou conhecidos. Uma outra opção bastante procurada por viajantes que se enquadram no perfil de "mochileiro" é o *Couchsurfing*, uma rede de hospedagem que surgiu em 2004 (COUCHSURFING, 2025), onde os anfitriões não cobram nada pela estadia dos hóspedes. O que os usuários de *Couchsurfing* buscam é a experiência intercultural através da hospitalidade e como diz no próprio site da plataforma: "compartilhar a casa com estranhos, amigos que você ainda não conhece. " A relação "ficar na casa de amigos" muda de ordem. Primeiro se hospeda e isso pode levar a uma amizade.

O Couchsurfing também é uma forma de economia compartilhada que segundo Botsman e Rogers (2010) visa o consumo colaborativo que consiste na permuta, empréstimo, troca, doação, aluguel e etc. no caso dessa hospedagem alternativa, se aproxima da doação, pois o anfitrião cede temporariamente um sofá (ou qualquer outro lugar onde seja possível dormir, como uma rede ou uma cama) sem pedir por nenhum retorno financeiro. Além da troca intercultural, a hospedagem por esse serviço se torna um intercâmbio de hospitalidade. Nesse contexto, fui hospedada em um total de 19 cidades, uma no Brasil, em Recife (Pernambuco) e o restante na Europa e hospedei viajantes através da plataforma em duas cidades: Garanhuns (Pernambuco) e João Pessoa (Paraíba), no Brasil.

1.1 JUSTIFICATIVA

A utilização da plataforma *Couchsurfing* me permitiu a construção de laços com pessoas de várias regiões do Brasil e de várias partes do mundo. Isso só foi possível graças a

um senso de confiança por parte dos usuários da plataforma. Claro que o medo não é extinto, principalmente por parte de usuárias do sexo feminino. Assim é relevante para mim a investigação do que leva pessoas de culturas e costumes diferentes abrirem suas portas para abrigarem um estranho de forma gratuita. Quais são os critérios para aceitar o viajante que solicitou hospedagem? E o que leva o viajante a confiar na pessoa que o receberá?

Academicamente, o *Couchsurfing* é explorado, mas a produção sobre o tema não é tão vasta, principalmente em português A maioria dos artigos estão em língua inglesa, porém ainda é uma literatura incipiente. Há uma necessidade de exploração do tema das práticas não monetizadas de hospitalidade e de forma ainda mais nichada, trazer mais literatura a respeito da segurança de mulheres que utilizam esse tipo de serviço.

Para a comunidade, a relevância desse trabalho é explorar outros meios de hospedagem além dos tradicionais, para democratizar o turismo para pessoas mais baixa renda e para as mulheres, partilhar da experiência faz com que outras mulheres tenham autonomia para decidirem se é viável ou não utilizar o *Couchsurfing*. A relevância deste estudo reside em ampliar o acesso a alternativas de hospedagem além dos modelos tradicionais — especialmente para mulheres e pessoas de classe média/baixa.

Ao investigar plataformas como o *Couchsurfing*, o trabalho não apenas pode democratizar oportunidades de viagem para quem enfrenta limitações financeiras, mas também pode fortalecer a autonomia feminina por meio do compartilhamento de experiências reais. Quando mulheres relatam suas vivências (positivas ou desafiadoras), criam um repositório de conhecimento coletivo que permite que outras avaliem os riscos e benefícios de utilizar a plataforma. Esses relatos possuem a possibilidade de gerar empoderamento através da segurança informada, capacitando-as a tomar decisões alinhadas às suas necessidades e contextos específicos.

Além disso, a discussão sobre a viabilidade dessas práticas colaborativas desafia modelos turísticos excludentes e incentiva a construção de redes de apoio baseadas em confiança e reciprocidade. Para comunidades periféricas ou grupos marginalizados, essa abordagem pode significar novas formas de conexão global sem depender de recursos financeiros, ao mesmo tempo que visibiliza demandas por segurança e acolhimento digno, pressionando plataformas e sociedade a repensarem estruturas que perpetuam desigualdades de gênero e classe.

Assim, tem-se que o estudo chama atenção brevemente para a economia colaborativa, mas tem como protagonista o vislumbre da experiência autônoma de viajar mochilando enquanto mulher que busca alternativas ao turismo tradicional.

Ademais, este trabalho é o segundo estudo sobre *Couchsurfing* no LEA-NI UFPB. O primeiro foi o Trabalho de Conclusão de Curso de José Adalberto Gonçalves de Almeida Júnior, intitulado *A comunidade Couchsurfing: os principais fatores que influenciam a tomada de decisão de seus usuários*, defendido em 2013, sendo que este primeiro abordava a experiência de usuários numa plataforma que na época já não era tão recente (sua fundação foi em 2004) mas estava adquirindo mais popularidade. Já o presente trabalho é inédito na abordagem que faz pois relata a experiência pessoal de quem usou a plataforma para se hospedar em diversos países. Considerando que turismo é umas das áreas que o LEA-NI estuda, este trabalho se justifica como TCC do Curso.

1.2 QUESTÃO-PROBLEMA E OBJETIVOS

"This is a man's world, this is a man's world"[1]

Ao descobrir plataformas alternativas de hospedagem, senti como se estivesse abrindo a porta para um novo mundo, cheio de possibilidades e conexões. No entanto, junto com essa empolgação, um sentimento familiar me acompanhou: o medo. Um medo que, como mulher, sempre carreguei ao navegar pela sociedade em que vivo.

De acordo com o *World Population Review* (2024), o Brasil é o segundo país mais perigoso do mundo para mulheres que viajam sozinhas. A brutal morte de Julieta Hernandez (CNN Brasil, 2024), uma venezuelana vítima de latrocínio e violência sexual, evidenciou de forma cruel essa estatística. Antes de ser tragicamente assassinada, Julieta era uma mulher livre. Desde 2019, ela viajava de bicicleta pelo Brasil, movida por sua paixão pela vida e pela arte. Como ciclista e artista de rua por escolha, percorreu nove Estados brasileiros e incontáveis cidades, deixando sua marca de liberdade onde passava. Histórias como a de Julieta escancaram os riscos de viajar sozinha, mas pessoalmente não gostaria de enxergar as estatísticas como uma sentença irreversível. Como prevenir os perigos e exercer a liberdade com cautela? Como construir uma rede de apoio em qualquer lugar e não abrir mão da experiência enriquecedora que é viajar desacompanhada?

É necessário explorar as possibilidades para exercício da autonomia feminina e o *Couchsurfing* pode ser uma ferramenta estratégica para viabilizar essa experiência. Porém não necessariamente todo usuário da plataforma é digno de confiança, pelos mesmos motivos que tornam a experiência de viajar como mulher, desafiadora. Por isso, é importante evidenciar

[1] Tradução: Este é um mundo de homens. *"It's a Man' s Man 's Man' s World*, música de James Brown (1966).

através do relato, escolhas de perfis que empiricamente me auxiliaram a prevenir situações de perigo com anfitriões (e mostrar também quando meu julgamento errôneo me colocou em situações desagradáveis e que eram potencialmente perigosas).

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho foi:

Relatar a experiência pessoal com *Couchsurfing* vividas em 13 países (incluindo o Brasil) e observar o impacto das diferentes culturas em cada hospedagem.

1.2.2 Objetivos Específicos

Como objetivos específicos, tem-se o que segue:

- Descrever as experiências de *Couchsurfing* realizadas e algumas das percepções;
- Identificar os fatores que influenciam na escolha de anfitriões e estando na posição de anfitrião, identificar o que influencia na aceitação de hóspedes;
- Demonstrar de que forma a hospitalidade impacta a experiência em cada cidade visitada;
- Relatar autoconhecimento gerado através da reflexão a partir da narrativa autobiográfica.

1.3 A ESTRUTURA DO TRABALHO

Esse trabalho será dividido em 6 seções: Introdução, que contém a justificativa, questão-problema e objetivos gerais e específicos; Metodologia, que contém a descrição dos métodos e caracterização da autora; Referencial teórico; Relato de experiência, que será dividido entre minha experiência como hóspede e como anfitriã; Conclusão e referências.

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada para este trabalho é descritiva e qualitativa (Silva e Menezes, 2000), com enfoque autobiográfico, de relato de experiência, que reforça a natureza pessoal da pesquisa, uma vez que se trata de uma narrativa detalhada das minhas experiências como viajante usuária do *Couchsurfing*. A abordagem qualitativa permite explorar aspectos subjetivos e interpretativos das vivências, como emoções e percepções interculturais. Enquanto o caráter descritivo facilita a organização e exposição dos eventos de forma cronológica e contextualizada.

A metodologia narrativa autobiográfica engloba fatores subjetivos e é importante salientar que uma narrativa não necessariamente traz uma visão fiel dos fatos. Uma narrativa envolve emoções vivenciadas pelo autor, levando em conta o contexto social, psicológico e cultural que envolveu o fenômeno ocorrido. A escolha desse método envolve uma ânsia pessoal de entendimento do outro a partir do eu e do eu a partir do mundo. Não é somente uma escolha acadêmica, mas uma escolha filosófica para a autocompreensão. Como dito por Josso (2004) a seguir, é a teorização da própria existência.

> De fato, acreditamos que a pesquisa narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao "ouvir" a si mesmo ou ao "ler" seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência. Este pode ser um processo emancipatório em que o sujeito aprende a produzir a sua própria formação determinando a sua trajetória (Josso, 2004, *apud* Cunha, 2009, p. 10).

A autobiografia é a narração da própria existência e para Hutto (2006) é uma forma de compreender os outros e o mundo, que é um dos objetivos pessoais dessa pesquisa. Ao fazer isso academicamente, é necessário o distanciamento de si mesmo. No livro Demian (1919), de Herman Hesse, é dito que "a ave sai do ovo. O ovo é o mundo. Quem quiser nascer tem que destruir um mundo. "

Assim, para que eu possa "renascer" como acadêmica, é necessário desconstruir a visão inicial adquirida durante a viagem realizada em 2019, transformando-a em um objeto de reflexão crítica e teórica. Esse processo permite teorizar a experiência vivida com o *Couchsurfing*, ressignificando-a no contexto acadêmico e contribuindo para uma compreensão mais ampla e fundamentada em autores como Molz (2013) e Weissmann (2018).

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA AUTORA

Desde muito jovem, alimentei o desejo de emancipação feminina e de me tornar uma viajante independente. Esse anseio foi fortemente influenciado por filmes e livros que exploravam o tema da liberdade e da descoberta pessoal por meio de viagens. No entanto, foi um filme específico que despertou de forma definitiva o desejo de ser uma viajante independente: *Monte Carlo* (2011). Uma cena em particular marcou profundamente minha imaginação como um símbolo de liberdade: os personagens Meg e Riley sobem ao topo de Machu Picchu e gritam a plenos pulmões. Essa imagem ficou gravada em minha memória e se tornou uma inspiração para viajar mochilando e vivenciar experiências transformadoras.

Aos 17 anos, meu principal objetivo era concluir o ensino médio e explorar o mundo. No entanto, senti-me insegura sobre como poderia sustentar essa jornada e, por isso, optei por ingressar na universidade, buscando um "norte" para orientar minhas escolhas futuras. Sem uma ideia clara do que gostaria de ser, escolhi cursar Design na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no campus de Caruaru. Embora o curso não fosse exatamente minha paixão, disciplinas como História da Arte, Estética e Plástica, e História da Moda despertaram meu interesse e me motivaram a, pelo menos, experimentar esse caminho.

Enquanto aguardava o início das aulas, previsto para agosto de 2017, dediquei-me à leitura de relatos de viagem no site *mochileiros.com,* uma comunidade online de ajuda mútua entre viajantes independentes que de acordo com o site, existe desde 1999. Essas leituras foram alimentando meu sonho de vivenciar experiências semelhantes. Após um ano e meio de graduação, percebi que o curso não correspondia às minhas expectativas e que não era o caminho que desejava seguir. Essa constatação se consolidou durante o segundo semestre, quando comecei a planejar alternativas para realizar meu sonho de viajar.

No terceiro período do curso, em 2018, utilizei pela primeira vez a plataforma *Couchsurfing*, em Recife. Esse marco foi um divisor de águas, pois me incentivou a explorar formas de viajar com baixo custo. A partir daí, passei a investigar outras plataformas e recursos, como *hitchwiki.org*, *Worldpackers*, *Workaway*, *Trusted House Sitters* e *Warmshowers.org*. Identifiquei-me particularmente com a filosofia do *Couchsurfing*, que valoriza a troca cultural e a solidariedade entre viajantes e anfitriões. Decidi, então, explorar essa ferramenta como ponto de partida para as minhas jornadas.

Paralelamente, li alguns contos arquetípicos do livro *Mulheres Que Correm Com Os Lobos*, da psicanalista Clarissa Pinkola Estés. Também fui influenciada a seguir o desejo de viajar pelo filme Na Natureza Selvagem (2007) e os livros, *Mas Você Vai Sozinha?* de Gaia Passarelli e *Livre* de Cheryl Strayed.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para melhor compreensão do presente trabalho, é imprescindível entender de onde vem o fenômeno do *Couchsurfing*. A pesquisa foi fundamentada principalmente em Oliveira (2007), Boorstin (1964), Milheiro e Melo (2005) e Canclini (2004).

3.1 O TURISMO E O TURISTA

O turismo é mais antigo do que a palavra que o define e também mais fácil de compreender do que de definir. O fenômeno turístico pode ser conceituado considerando o deslocamento, a economia e os objetivos de uma viagem. No dicionário Oxford Languages, há quatro definições:

> [...] 1. Ação ou efeito de viajar, basicamente com fins de entretenimento e eventualmente com outras finalidades (p.ex., culturais). Prática ou exercício de excursionar, ger. em grupo, por entretenimento ou estudo; excursionismo. 2. Atividade de ciceronear e dirigir grupos de turistas, com sugestão e venda de itinerários de excursão e provisão de informações pertinentes e acomodações para os que viajam. 3. conjunto de serviços, públicos e privados, decorrentes da atividade turística, e voltados para sua promoção e organização. 4. conjunto de atividades econômicas associadas a essa atividade e dependentes dos turistas. ” (Oxford Languages, 2025)

O turismo moderno está cada vez mais democrático. Embora viajar ainda envolva custos financeiros consideráveis, antes esse fenômeno era reservado principalmente para pessoas da elite, como exemplifica o *Grand Tour*, fenômeno nascido no século XVII. Segundo Milheiro e Melo (2005), o *Grand Tou*r era um itinerário realizado pela Europa por jovens abastados, que no intuito de complementar seus estudos, geralmente voltados para carreiras no governo, na política e na diplomacia, viajavam por volta de dois a três anos com o objetivo de enriquecimento cultural.

Principalmente, era visada uma visita a Paris e a cidades italianas como Veneza, Florença e Nápoles, com seu apogeu sendo Roma (Salgueiro, 2002). Apesar do objetivo cultural, a aventura envolvida, embora perigosa, fazia parte da viagem que era feita por prazer. Como Salgueiro aponta, não havia ainda na época muitas opções de transporte então as travessias de um lugar para outro envolviam cavalos, navios à vela e trajetos realizados à pé.

Esse itinerário feito inicialmente por jovens da aristocracia inglesa, é possivelmente a origem não só do turismo moderno, mas também do “mochilão”, que são viagens de custo

mais baixo. Pelo termo *"Grand Tourist"* pode-se ver que o termo turista provavelmente surgiu aí. Turista, vem de *"tourist"* que vem de *"tour"*, que significa volta ou passeio em inglês.

3.2 O MOCHILEIRO

No turismo pós-moderno, há definições variadas de turista e viajante. O mochileiro, identitariamente, geralmente se enquadra no perfil do viajante. Para Boorstin, o turista é um ser passivo e o viajante ativo (Boorstin, 1964 *apud* Silva *et al*., 2021). Para o autor, a passividade do turista envolve a busca de conforto e prazer, enquanto o viajante vem na oposição, em busca de pessoas e aventuras.

Definir o mochileiro também não é uma tarefa simples. Assim como há diversas definições de viajante, o mochileiro, que faz parte de um subgrupo de estilo de viagem, também possui definições que variam de acordo com os pesquisadores. Para esta pesquisa, a definição de mochileiro será a de Oliveira, que diz que o termo "[...] vem sendo utilizado mundialmente para denominar o segmento de viajantes que têm um estilo independente, flexível e econômico, por longos períodos em que buscam conhecer vários destinos numa mesma viagem. " (Oliveira, 2007, p. 1).

3.3 MOCHILÃO, HOSPITALIDADE E *COUCHSURFING*

A hospedagem em um "mochilão" por ter características econômicas, geralmente exclui os hotéis de luxo ou mais sofisticados, porém há três fatores que não deixam de ter importância para esses viajantes ao se hospedar em um ambiente mais barato ou gratuito: *Wi-Fi,* higiene e segurança (Vieira, 2019 *apud* Silva, 2022) pois são fatores fundamentais para que a viagem aconteça. Para Camargo (2004) hospitalidade é " ´[...] um ato humano, exercido em contexto doméstico, público ou profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu habitat natural. ".

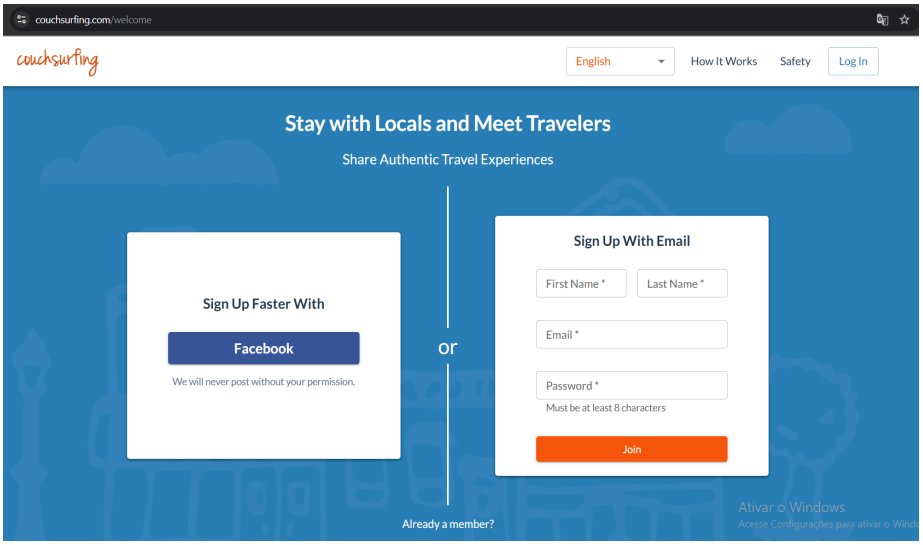
A hospitalidade está intrinsecamente ligada às hospedagens, que surgiram possivelmente com gregos e romanos.

> Andrade (2002) e Ignarra (1999) apresentam os gregos e romanos como os responsáveis pelos registros históricos mais antigos no quesito hospedagem. Aos gregos é atribuída a construção do Ásylon ou Asilo, que data da época dos Jogos Olímpicos gregos, e tinha por finalidade permitir o repouso, a proteção e a privacidade aos atletas convidados a participar das cerimônias religiosas e das

> competições esportivas. Os romanos foram responsáveis pela construção de outros tipos de hospedagens, como a estalagem e o estábulo, destinadas a atender os viajantes que transitavam pelas longas estradas de seu território, com a diferença de que a estalagem alojava os nobres e os oficiais superiores das milícias, enquanto o estábulo servia para proteger plebeus, o gado e os animais de montaria e de carga; os romanos construíram também os balneários, e ofereciam hospedaria para abrigar seus visitantes, e as famosas termas romanas, que dispunham de água quente, instalações grandiosas e cômodos para os usuários descansarem (Ribeiro, 2011, p. 15-16).

Hoje, as hospedagens são variadas. Hotel, hotéis fazenda, hostels, apart-hotéis, resorts, campings, plataformas de trabalho em troca de hospedagem e plataformas de hospedagem solidária. Esse trabalho foca em uma plataforma solidária específica: o *Couchsurfing*.

Figura 1 - Captura de tela de página inicial do *Couchsurfing*



Fonte: Imagem extraída direto do *Browse*

O *Couchsurfing* possibilita encontros interculturais a partir da hospitalidade. Para Canclini:

> [...] *interculturalidad remite a la confrontación y el entrelazamiento, a lo que sucede cuando los grupos entran en relaciones e intercambios. Ambos términos implican dos modos de producción de lo social: multiculturalidad supone aceptación de lo heterogéneo; interculturalidad implica que los diferentes son lo que son en relaciones de negociación, conflicto y préstamos recíprocos* (Canclini, p. 15, 2004).

Esses encontros através de hospedagem proporcionam voluntariamente o intercâmbio de culturas, pois há um desejo de compreensão de ambos os lados, mesmo que ocorra algum conflito causado pelo *misunderstanding*[2] cultural. Há uma identificação, pelo traço do gosto

[2] Mal-entendido, má compreensão (em inglês).

por viajar, mas o que tem mais peso é a troca cultural, de experiências e vivências entre o anfitrião e o mochileiro em trânsito.

Os mochileiros são viajantes (que geralmente viajam sozinhos ou em dupla) que tentam reduzir o máximo possível os custos de uma viagem, no intuito de passar mais tempo viajando e também de ter mais contato cultural com os nativos dos lugares visitados. Geralmente eles optam por hostels no lugar de hotéis, comer em restaurantes onde também se alimenta o público local, que normalmente são mais baratos e representam melhor a realidade local; em vez de ir a restaurantes que tradicionalmente recebem turistas, que geralmente são mais caros e "adaptados" para o público visitante. Também tentam economizar o máximo possível no transporte, alguns inclusive pedindo carona gratuita na estrada (*hitchhiking*[3]).

O mochileiro é o principal usuário da plataforma *Couchsurfing*. Por muitos anos, o acesso ao *Couchsurfing* era totalmente gratuito, apenas sendo uma ferramenta mediadora entre anfitrião e viajante. Porém, após a pandemia de COVID-19, os responsáveis pelo *Couchsurfing* passaram a cobrar uma taxa mensal ou anual, alegando que seria para a sobrevivência da plataforma. As taxas são de US$ 2,39 (R$14,78 no câmbio atual em 04/01/2025) por mês e US$ 14,29 por ano (R$88,39 no câmbio atual).

Quando realizei meu mochilão pela Europa em 2019, o acesso à rede ainda era grátis, o que possibilitou a realização da viagem de baixíssimo custo, pois naquele momento, não haveria possibilidade de pagar por acomodação. Para me preparar para essa viagem, que eu sabia que seria com um *budget*[4] de aproximadamente 4€ por dia comecei a pesquisar formas de viajar sem dinheiro. Encontrei o livro da Aline Campbell, o Portas Abertas. O livro foi publicado pela carioca em 2014 e nele ela conta como viajou pela Europa por 3 meses sem dinheiro algum, nem para reserva de emergência. Li o livro online, pois Campbell disponibiliza o PDF gratuito na internet.

O livro de Campbell foi o "empurrãozinho" que precisava. Em sua obra, ela relata como comia, como se transportava e onde dormia. Na maior parte do tempo, a carioca utilizou *Couchsurfing* para conseguir hospedagem gratuita por onde passava.

3.4 A VIAJANTE

Segundo a Organização das Nações Unidas no Brasil (2021) uma em cada três mulheres no mundo já foi submetida a algum tipo de violência. Apesar da realidade, os

[3] Termo em inglês que designa a prática de pedir carona gratuita na estrada.
[4] Do termo em inglês "orçamento".

números não são impeditivos para mulheres viajarem sozinhas e isso se reflete na literatura acadêmica sobre o tema (Wilson, 2004; Chiang; Jongaratnam, 2006; Wilson; Little, 2008). De acordo com Wilson (*apud* Bianchi, 2016), a maior parte das pesquisas são focadas no aspecto de gênero dos viajantes, particularmente focado nas motivações e limitações das mulheres que viajam sozinhas. Bianchi (2016, p. 199) ainda diz que "[...] essas pesquisas sugerem que as motivações para mulheres viajarem sozinhas estão relacionada ao desejo de auto desafio, encontrar um senso de autonomia e autodeterminação, conhecer novas pessoas e sair da zona de conforto."[5]

Como destaca o título de uma matéria do Brasil de Fato "o problema não é viajar, é ser mulher."[6] A matéria publicada em janeiro de 2024, aborda a história da cicloviajante Julieta Hernandez — citada na questão-problema deste trabalho — e possui o relato de várias mulheres que são viajantes e que carregam consigo o medo de que aconteça com elas o que aconteceu com Julieta: sofrer violência e perder a vida de uma maneira bárbara. Elas contam que o medo é generalizado e que ele é presente mesmo antes das viagens, pois esse sentimento pode ser muitas vezes inerente à vida enquanto mulher.

[5] Tradução própria de: BIANCHI, Constanza. *Solo holiday travellers: motivators and drivers of satisfaction and dissatisfaction*. International Journal of Tourism Research, v. 18, p. 197–208, 2016. DOI: https://doi.org/10.1002/jtr.2049.

[6] Matéria disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2024/01/12/o-problema-nao-e-viajar-e-ser-mulher-viajantes-solo-associam-violencia-ao-machismo/

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Esse relato engloba minha experiência utilizando a plataforma em 20 cidades de 13 países. Os países são: Brasil, França, Croácia, Bósnia & Herzegovina, Sérvia, Hungria, Áustria, Inglaterra, Escócia, Bélgica, Alemanha, Espanha e Portugal.

4.1 PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS: RECIFE (Brasil)

Quando decidi testar a plataforma, quis primeiramente utilizar em um lugar onde teria suporte caso me sentisse insegura na casa do meu anfitrião. Para filtrar os usuários, procurei por alguém que respondesse rapidamente (é possível visualizar no perfil do usuário a taxa de resposta e o último *Login*). Esperava me hospedar primeiramente com uma mulher, mas não consegui encontrar nenhuma com uma quantidade razoável de referências e que a localização não fosse muito distante da parte mais central de Recife. Queria alguém que morasse em um lugar estratégico considerando o endereço de amigos meus e familiares, caso eu precisasse pedir ajuda.

Nisso, encontrei um usuário com uma grande quantidade de referências: eram mais de 200, todas positivas. Fiz a leitura de alguns desses *feedbacks* dos hóspedes que já haviam passado pela casa desse anfitrião, me concentrando nas referências deixadas por mulheres. Mandei uma solicitação de hospedagem, explicando que era a primeira vez que eu estava utilizando o *Couchsurfing* e por isso gostaria de me hospedar com ele, que era um usuário antigo da plataforma (é possível encontrar a informação de quando a conta foi criada na página inicial do perfil de cada usuário).

Ele aceitou minha solicitação e assim consegui minha primeira hospedagem.

4.1.1 Minha Primeira Experiência

Minha primeira experiência sendo hospedada foi no ano de 2018. Meu anfitrião me cedeu sua cama e dormiu no sofá. Pela manhã, tomamos café juntos e conversamos um pouco. Dormi lá somente uma noite, pois no dia seguinte ao contar para uma amiga sobre estar testando a plataforma (e que envolvia dormir na casa de um desconhecido) ela me pediu para ir à sua casa, pois achava perigoso o que eu estava fazendo. Fui, pois na minha percepção, havia cumprido com o objetivo daquela hospedagem: ver que aquela forma alternativa de hospedagem e hospitalidade, era possível.

4.1.1.1 Percepções dessa primeira experiência

Eu estava sentindo um misto de desconfiança, medo e animação. No fim, foi muito tranquilo e essa primeira experiência foi crucial para que eu continuasse utilizando a plataforma. Ao conversar com meu anfitrião ele relatou alguns problemas que ele havia enfrentado com outros hóspedes, mas nada perigoso. Uma das coisas relatadas, foi ter hospedado duas moças de outra nacionalidade que passaram os 10 dias que estavam hospedadas, sem realizar devidamente a higiene pessoal. Então, o embate foi relacionado a hábitos e diferenças culturais. Disse que majoritariamente as experiências foram tranquilas.

4.1.2 Minha Segunda Experiência

Na minha segunda vez utilizando *Couchsurfing* em Recife, também em 2018, o anfitrião sequer morava no apartamento. Ele morava em um outro bairro, mas alugava este apartamento na Rua da Aurora com intuito de se mudar para lá, mas nunca o fez. Fui recebida por outra hóspede dele, uma jovem do interior de Pernambuco (que se tornou uma grande amiga minha) e em 2019, este anfitrião me contratou para trabalhar em sua loja, me proporcionando meu primeiro emprego de carteira assinada.

4.1.2.1 Percepções dessa segundo experiência

Meu anfitrião tinha mais de 40 referências, o que me causou tranquilidade. O fato de ter sido recebida por outra hóspede dele, me deu a impressão de que ele era um usuário bem ativo. Além disso, cheguei a voltar para o apartamento outras vezes. A outra *Couchsurfing* continuou lá por meses e outra hóspede passou um tempo lá também. As duas foram contratadas para trabalhar em sua loja.

Depois de usar o *Couchsurfing* por mais tempo, notei que essa situação foi atípica. Pelas minhas vivências, minha percepção é de que não é comum arrumar emprego pela plataforma, mas é possível. Afinal, essas relações podem acabar se tornando uma forma de *Networking*.

4.1.3 Minha Terceira Experiência

Na terceira vez, fui hospedada por um casal. Dormi uma noite apenas. Nós fomos até uma rua de bares, mas eles foram embora antes por algum desentendimento (a moça havia esquecido sua identidade).

4.1.3.1 Percepções Dessa Terceira Experiência

Foi a primeira vez que passei por uma situação desconfortável, mas nada focado em mim pois o casal brigou entre si.

4.2 PARIS, FRANÇA

Agora relatarei minhas experiências na França.

4.2.1 Experiência Paris 1

Quando cheguei em Paris, o meu *host* foi me buscar no aeroporto Orly, 30min de carro de onde ele morava, em La Défense. Estava fazendo 7ºC graus celsius e meu casaco estava semiaberto. Ele o fechou para mim e inicialmente encarei aquilo como uma gentileza, já que não sabia o quão diferente de mim ele era, culturalmente falando.

Ao chegarmos em seu apartamento, deixei minhas coisas e ele falou que iria me ensinar a pegar o metrô. Trocou o carro por sua moto e fomos até o shopping *Westfield Les 4 Temps*. No próprio shopping há uma estação de metrô e ao caminharmos para lá ele segurou em minha mão, alegando que não queria se perder de mim. O shopping não estava lotado, então soltei sua mão da minha e disse que estava tudo bem. A partir desse momento, já fiquei em um maior estado de alerta em relação a ele.

Quando voltamos para sua casa, ele me explicou que eu poderia comer o que eu quisesse. Me mostrou onde eu ia dormir (um quarto com uma cama de solteiro) e o banheiro, que não tinha tranca. Isso me deixou receosa pois já não estava confortável com ele, mas resolvi “testar a sorte”. Comemos pão com azeite e ele me ofereceu vinho, o qual agradeci e não aceitei. No sofá, conversando, ele estava muito próximo de mim, me abraçando.

Na primeira noite, tive um pesadelo que ele entrava no quarto. Como nada aconteceu, me acalmei mais.

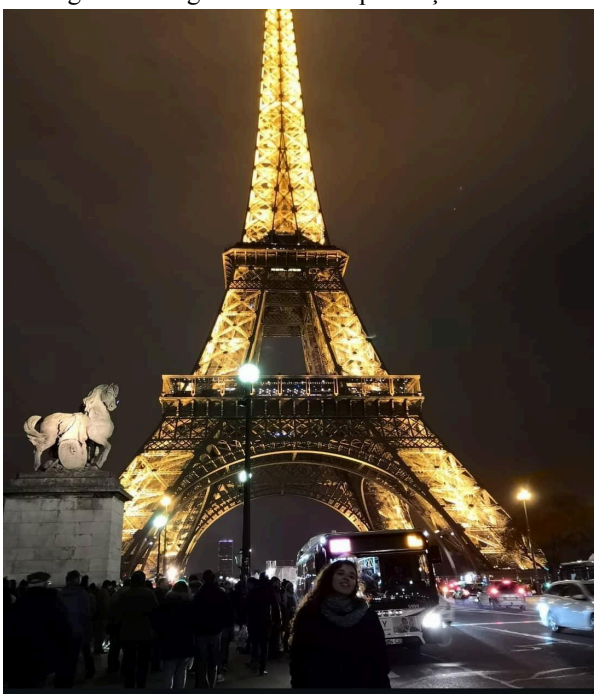
Ele deixou uma chave comigo e passei mais alguns dias lá.

Tentei encontrar uma nova pessoa para me hospedar, mas só consegui para a segunda metade da semana. Passei a evitá-lo dentro de sua casa.

4.2.1.1 Percepções da experiência Paris 1

Esse anfitrião me ofereceu comida, autonomia para ir e vir por ter me dado uma chave e ainda me buscou no aeroporto e me levou até a torre Eiffel.

Figura 2 - Registro da minha presença em Paris



Fonte: Arquivo pessoal

Hoje, vejo como os desconfortos poderiam ter sido evitados. A primeira maneira, era tendo dinheiro de emergência para ir para um hostel, caso me sentisse insegura. A segunda, era o número de referências. Ele tinha apenas 4 referências em seu perfil, e apenas duas de mulheres. Entrei em contato com uma delas, uma russa. Ela me disse que sua estadia foi tranquila, mas que eu deveria lembrar que ele ainda era um homem.

Pesquisar com antecedência sobre a cultura também é importante. Tinha visto algumas coisas genéricas sobre os parisienses, como grosseria caso você primeiramente fale em inglês com eles (o que não ocorreu). Em relação ao contato físico, é importante a pesquisa para conseguir diferenciar uma invasão de espaço de um costume cultural.

4.2.2 Experiência Paris 2

Minha segunda anfitriã foi uma moça paquistanesa, que morava com seu namorado francês. Eles moravam em Nanterre, que faz parte da região metropolitana de Paris. Ela era poliglota e falava português fluentemente, que me deixou impressionada e feliz (ela tinha até um sotaque paulista). Ela e seu namorado se esforçaram para me proporcionar alimentos que eu podia comer (pois eu era adepta do veganismo na época). Dormi em um quarto com uma cama de solteiro e fizemos passeios juntos.

4.2.2.1 Percepções da experiência Paris 2

A minha anfitriã era bastante internacionalizada e tinha bastante conhecimento sobre o Brasil, por falar português fluente e ter feito intercâmbio no país. Esse fato fez com que eu me sentisse acolhida culturalmente. Senti que foram muito hospitaleiros por se preocuparem com a minha alimentação, já que não há uma obrigatoriedade de fornecimento de alimentação por parte dos anfitriões.

4.3 RIJEKA, CROÁCIA

Na Croácia, não fui hospedada por ninguém do *Couchsurfing*, apenas utilizei o *Hangouts*[7] para conhecer pessoas.

4.3.1 Percepções da experiência Croácia

Durante minha estadia na Croácia, onde permaneci por aproximadamente 50 dias, busquei estabelecer conexões mais duradouras por meio do *Hangouts*.

Figura 3 - Registro da minha estada na Croácia

[7] Hangouts, disponível no aplicativo de Couchsurfing para celular, permite que você veja outros *Couchsurfers* que estão por perto e disponíveis para passeio. Referência: https://about.couchsurfing.com/about/faq/

Fonte: arquivo pessoal.

Nesse processo, conheci dois cidadãos croatas, porém não me senti acolhida. Pelo contrário, vivenciei uma experiência culturalmente desconfortável.

I. O primeiro indivíduo comentou que minha aparência se assemelhava mais à de uma pessoa europeia do que à de uma brasileira. Expliquei que o Brasil possui uma grande diversidade fenotípica devido ao intenso fluxo migratório ao longo de sua história. No entanto, o que me causou real desconforto foi sua reação subsequente: após minha explicação sobre a ampla variedade de tons de pele entre brasileiros, ele ergueu a mão, sugerindo que eu batesse na dele, e proferiu a expressão "*white power*[8]". Essa alusão explícita à supremacia branca me causou choque e indignação. Além disso, ele me questionou sobre a legalidade da prostituição no Brasil, referindo-se à reputação do país no contexto do turismo sexual. Esse questionamento, aliado à conotação estereotipada e pejorativa associada ao Brasil e às mulheres brasileiras, reforçou minha sensação de ultraje e desconforto nesse *hangout*.

II. O segundo croata que conheci por meio da plataforma também manifestou uma visão estereotipada e pejorativa em relação às mulheres brasileiras. Durante nossa interação, ele me fez um convite explícito para participar de relações sexuais com ele e sua esposa. O que mais me deixou ultrajada foi o fato de ele justificar tal proposta com a suposição de que, por ser brasileira, eu estaria predisposta a aceitá-la.

[8] Tradução: poder branco.

III. A terceira pessoa que conheci pelo *hangouts* foi uma brasileira natural de Taubaté. Coincidentemente, eu estava dividindo quarto em um dormitório estudantil com uma brasileira também de Taubaté. Saímos durante toda a minha estadia na cidade, inclusive visitando cidades próximas. Falar mais português do que inglês nesse primeiro momento da viagem me ajudou com o choque cultural, embora falar português com as garotas de Taubaté também possuía o elemento de choque cultural para mim, que nunca tinha falado pessoalmente com pessoas que não tivessem algum sotaque nordestino.

4.4 SARAJEVO, BOSNIA & HERZEGOVINA

Fui hospedada por dois homens nativos de Sarajevo. A hospedagem foi solicitada de forma não tradicional, pois foi em um *hangout* que pedi a hospedagem. Eu estava viajando com outro mochileiro nesse momento, então solicitei hospedagem para duas pessoas. No apartamento, dormi em uma sala, em um colchão no chão e o outro viajante dormiu no sofá. Apenas um dos moradores era usuário da plataforma, embora o outro parecesse acostumado com a visita de viajantes.

Eles iam para um aniversário e nos convidaram para ir com eles. O outro mochileiro ficou no apartamento e eu fui para o aniversário com eles. Depois disso, fomos para uma boate. Quando saímos de lá, meu anfitrião me apresentou algumas coisas da cidade enquanto caminhávamos para sua casa na madrugada. Ele ofereceu comida quando chegamos e também, café da manhã no dia seguinte.

4.4.1 Percepções da experiência Sarajevo, Bósnia e Herzegovina

Foi a primeira vez que consegui hospedagem através de um *hangout*. A partir dessa experiência, vi que o leque de opções para conseguir hospedagem vai além da solicitação tradicional. É possível colocar viagem pública, para que os moradores ofereçam acomodação, há grupos na versão *browse* da plataforma (majoritariamente, utilizei o aplicativo para celular, mas no site, há opções que não existem no app., como fazer publicações em grupos). Há vários grupos intitulados *"last minute request"*, embora, muitos deles estejam desatualizados há anos. Esse momento me fez conhecer essas outras maneiras de solicitar hospedagem.

4.5 BELGRADO, SÉRVIA

Em Belgrado, fui hospedada por uma jornalista sérvia. Seu perfil, ao meu ver, incomum: havia apenas a frase *"i'm not here to chat. Just message me if you only need a place to sleep.*[9]*"* Geralmente, os usuários dão mais informações sobre eles mesmos em seus perfis. Solicitei a hospedagem e ela aceitou. Mesmo sem a quantidade comum de informações, ela possuía boas referências, então fiquei tranquila. Quando cheguei em sua casa, ela foi super receptiva. Falou que eu poderia mexer em sua geladeira e armários da cozinha, comer qualquer coisa, vestir suas roupas e usar qualquer produto do banheiro. Conversamos bastante, passeamos juntas e ela me apresentou alguns de seus amigos. Me levou até seu trabalho, me apresentando a empresa onde ela era jornalista.

Figura 4 – Meu registro do Forte de Belgrado, no parque Kalemegdan

Fonte: arquivo pessoal.

Em um momento que estávamos em seu carro, ela quis me mostrar como gostava da cultura brasileira, e colocou para tocar Mina do Condomínio, de Seu Jorge. Ela cantou junto, o que mostrou que ela havia escutado a música várias vezes. Me pediu para passear com seus cachorros quando estava fora de casa e me levou para jantar na casa de sua família, em uma cidade próxima.

4.5.1 Percepções da experiência Belgrado, Sérvia

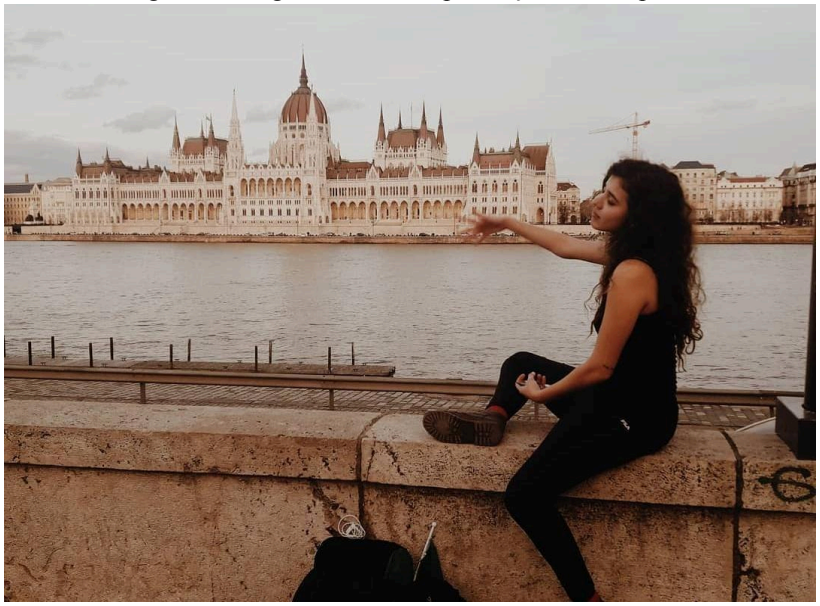
[9] "Eu não estou aqui para conversar. Só me mande mensagem se estiver precisando de um lugar para dormir" (tradução própria).

Novamente, me senti muito acolhida quando foi demonstrado interesse e algum conhecimento sobre a cultura brasileira. Essa experiência foi uma das mais marcantes para mim, principalmente por algumas coisas que ela compartilhou comigo. Me fez pensar bastante sobre o que leva alguém a confiar e abrir as portas da sua casa para um estranho. Ela me falou que nenhum de seus amigos usavam o *Couchsurfing* e que a chamavam de louca, sempre perguntando se ela não tinha medo de ser roubada ou algo do gênero. Sua resposta para os amigos era dizer "eu trabalho e compro de novo".

4.6 BUDAPESTE, HUNGRIA

Dormi em um sofá na sala. Por ser um *flat*, a minha anfitriã dormiu ao meu lado, em um colchão no chão.

Figura 5 – Registro da minha presença em Budapeste



Fonte: arquivo pessoal.

A minha anfitriã disse que eu poderia comer qualquer coisa. E também, me doou roupas de frio. Não interagimos muito, pois ela saía muito cedo de casa.

4.6.1 Percepções da experiência Budapeste, Hungria

Alguns usuários do *Couchsurfing*, quando recebem um hóspede, gostam de fazer passeios e compartilhar o seu tempo com o viajante. Como ela estava bastante ocupada, nos falamos mais na noite do primeiro dia de minha estadia lá. E na minha percepção, ela não

faltou com hospitalidade ao fazer isso. Pois normalmente, o anfitrião segue sua rotina na cidade, de trabalho e outros compromissos. Achei interessante e me senti muito à vontade com essa forma de hospedagem. Eu poderia sair após ela, pois a porta trancava sozinha ao fechar mas para voltar, ela teria que já estar em casa. Foi a primeira vez no *Couchsurfing* que dormi no mesmo cômodo com quem estava me oferecendo hospedagem.

4.7 VIENA, ÁUSTRIA

Relatarei minhas experiências na Áustria.

4.7.1 Experiência Viena, Áustria 1

Coloquei no *Couchsurfing* minha ida para Viena em forma de viagem pública alguns dias antes de ir para a cidade. Recebi uma mensagem de uma *designer* chinesa que estava viajando a passeio. Ela me falou que havia alugado um AirBnB maravilhoso e que era uma pena não o dividir com alguém. Ela não tinha nenhuma referência, mas aceitei sua proposta. Fiz *hitchhiking*[10] de Budapeste até a capital da Áustria e tive muita dificuldade de sair de um posto de gasolina que já era bem próximo da cidade. Ela disse que qualquer coisa, poderia pedir um Uber para mim. Não foi necessário. Quando a encontrei, deixei minhas coisas no *AirBnB* e fomos encontrar com duas pessoas que ela também havia conhecido pelo *Couchsurfing*. Mais tarde, eles se tornariam meus anfitriões.

[10] Ato de pegar carona gratuita na estrada. Geralmente, escreve-se o nome da cidade de destino em uma placa de papelão e se faz o símbolo de positivo com uma das mãos (mão fechada e polegar para cima).

Figura 6 - Registro da minha presença em Viena

Fonte: arquivo pessoal.

Dormi em um sofá no *AirBnB* e fui para vários lugares com a minha anfitriã. Ela pagou comida para nós e inclusive, me levou para uma outra cidade com ela, pois ela queria conhecer um museu específico na cidade de Linz. Aprendi algumas coisas sobre a cultura chinesa, como o fato de eles não consumirem muitos doces. Quando íamos a algum lugar e ela pedia uma sobremesa, ela provava uma pequena colherada e dizia que era o suficiente para ela.

4.7.1.1 Percepções da experiência Viena, Áustria 1

Foi a primeira vez que fui hospedada por alguém nascido na Ásia. Como a minha anfitriã era estabelecida na Austrália já fazia anos, posso ousar dizer que ela, assim como a anfitriã paquistanesa, era bastante internacionalizada. Embora quatro dias não são tempo suficiente para captar tantas diferenças culturais, creio que algumas eu consegui compreender. A que mais me marcou foi a alimentar, principalmente na questão de doces.

4.7.2 Experiência Viena, Áustria 2

Meus segundos anfitriões, conheci através dessa chinesa que me acolheu. Pelo que lembro, apenas a garota era usuária do *Couchsurfing*. Ela e seu amigo moravam com mais alguns estudantes. Ela me ofereceu sua cama.

4.7.2.1 Percepções da experiência Viena, Áustria 2

Essa hospedagem foi uma das mais familiares para mim, provavelmente porque estava rodeada de estudantes universitários. A casa era um misto de adesivos, arte, sujeira e bagunça. e uma das moradoras estava devendo 1000 euros de multa para o governo austríaco por usar o transporte público sem pagar. Para mim, uma realidade muito próxima já que universitários, quando não vêm de um local de privilégio, estão sempre vivendo no limite, financeiramente falando.

4.8 ESCÓCIA

Agora relatarei minhas experiências na Escócia.

4.8.1 Experiência Escócia 1

Quando cheguei em Edimburgo, eu tinha uma hospedagem confirmada com um homem. Tentei contato, mas não obtive sucesso na resposta. Por sorte, estava em contato com um outro usuário do *Couchsurfing* da cidade, pois iríamos a um festival (*Beltane Fire Festival*). Expliquei o que havia acontecido, dizendo que meu *host* não me respondia e ele ofereceu hospedagem. Por ter sido uma solicitação feita ao vivo, fora da plataforma, não lhe escrevi uma referência e vice-versa.

Ele estava hospedando uma outra mulher, uma australiana. Cada uma ficou em um quarto diferente. Dormi em uma cama de casal e mesmo tendo sido algo não planejado, fiquei cerca de uma semana em sua casa.

Figura 7 - Eu no parque The Meadows, em Edimburgo

Fonte: arquivo pessoal

Fizemos trilha juntos, fomos para o *Beltane Fire Festival* e fomos com sua ex-namorada e um amigo dele, para um templo budista, o *Kagyu Samye Ling*. Meu *host* não ficou no dormitório do templo, então eu e ele dormimos gratuitamente em seu carro. Entre nós não havia "segundas intenções", cada um ficou o mais distante fisicamente que era possível e mesmo sendo uma situação incomum, houve respeito à privacidade de cada um.

4.8.1.1 Percepções da experiência Escócia 1

Esse momento foi a primeira vez que o meu anfitrião oficial "desapareceu", mas não foi o único. Tive sorte por já estar em contato com outra pessoa além da que ia me hospedar. Também não esperava ficar tantos dias na casa do meu novo *host*, mas no *Couchsurfing*, pela minha experiência, quando *host* e anfitrião se dão muito bem, a estadia pode ser estendida. Não necessariamente, essa extensão precisa ser da forma tradicional, de ir no aplicativo e solicitar hospedagem no perfil do anfitrião novamente e sim, pode ser de maneira informal. Mas é como se o estágio de estranhos já tivesse sido transpassado e vira uma amizade (muitas vezes, líquida, mas uma amizade que naquele momento, importa). Comigo isso já aconteceu cerca de quatro vezes. Inicialmente, fazer um pedido de, por exemplo, dois dias e acabar passando lá cinco dias.

4.8.2 Experiência Escócia 2

Em Inverness, no primeiro dia dormi em uma cama de camping na sala, pois minha anfitriã estava hospedando um casal da Nova Zelândia no quarto de hóspedes. Quando eles foram embora, passei para o quarto.

Figura 8 - Eu no Lago Ness, próximo à Inverness

Fonte: arquivo pessoal.

Próximo a Inverness está o famoso Lago Ness e evidentemente que não perdi a oportunidade de conhecê-lo.

4.8.2.1 Percepções da experiência Escócia 2

Não passei muito tempo na companhia da minha anfitriã, pois ela passava o dia fora por conta do trabalho, e eu passava o dia fora também. Ela foi solícita e no dia em que cheguei em sua casa, fomos passear com seus cachorros e os outros dois hóspedes que estavam lá. Uma coisa que me marcou por nenhuma razão aparente, foi o fato de ela ter sido a única pessoa com carpete que entrava com sapatos em casa e não se incomodava com outras pessoas entrando com sapatos.

4.8.3 Experiência Escócia 3

Quando fui para Glasgow, solicitei três noites à uma francesa. Ela não confirmou no dia que cheguei, então arrumei outro lugar para dormir fora do *Couchsurfing* (coincidentemente, esbarrei com uma professora da UFPB e sua filha. Fui convidada por elas a ficar no *AirBnB* que estavam hospedadas).

Figura 9 - Eu em Glasgow

Fonte: arquivo pessoal

Quando a francesa me respondeu, ela disse que tudo bem ficar lá nos dois dias restantes. Fomos juntas a um *pub* e saímos para um parque. Dormi em sua sala, no sofá.

4.8.3 Percepções da experiência Escócia 3

A hospedagem foi muito tranquila, embora eu tenha ficado insegura por não ter tido resposta no primeiro dia. Ela me ofereceu comida e utilizei sua máquina de lavar.

4.8.4 Experiência Escócia 4

No meu último dia em Glasgow, recebi uma hospedagem de emergência, dormindo em um quarto na casa de um iraniano. Fomos para um fliperama e dividimos o café da manhã.

4.8.4.1 Percepções da experiência Escócia 4

Foi uma hospedagem muito tranquila. Ele compartilhou um pouco de como era viver no Irã antes de se mudar para a Escócia.

4.9 INGLATERRA

Agora relatarei minhas experiências na Inglaterra.

4.9.1 Experiência Inglaterra 1

Liverpool foi uma das minhas hospedagens mais estressantes.

Figura 10 - Registro em Liverpool

Fonte: arquivo pessoal

Passei duas noites na casa de um cirurgião iraquiano, que inicialmente se mostrou muito gentil. O escolhi pois ele tinha mais de 200 referências no seu perfil. Ele foi me buscar

no centro da cidade e mais tarde saímos para um bar. Eu o avisei que não bebia, mas ele voltou do balcão com dois *shots* de tequila. Neguei, mas ele disse que já tinha pago e parecia ofendido pela minha negação. Acabei aceitando. Outro *Couchsurfer* se juntou a nós, e dessa vez meu anfitrião voltou com três *shots.* Neguei novamente, mas acabei cedendo novamente pela pressão. A partir desse momento, fiquei em um estado de alerta pois a minha leitura da situação foi a de que eu estava mais vulnerável do que o normal.

Quando falamos sobre seu perfil, ele falou que tinha muitas referências por pedir para amigos/colegas iraquianos escrevessem referência sobre ele, mesmo que não houvessem se hospedado. Senti um certo pânico com essa informação.

4.9.1.1 Percepções experiência Inglaterra 1

Por motivos que vão além do *Couchsurfing*, me senti muito insegura na minha estadia em Liverpool. No *Couchsurfing*, é possível solicitar hospedagem e escrever referências mesmo sem ter chegado a hospedar ou ser hospedado, pois a plataforma não pede uma prova de que a hospedagem aconteceu, pois é como se a referência, já fosse a prova. A comunidade é baseada na veracidade das referências, mas não é possível provar que as referências foram escritas por um hóspede real ou o que está escrito traduza como de fato foi a hospedagem. Essa experiência em Liverpool me lembrou um pouco a minha experiência em Paris. Uma coisa que faria diferente, seria contatar mulheres que foram hospedadas por ele e também, não desistir de procurar uma anfitriã mulher por ter encontrado hospedagem. Também vale ressaltar que com dinheiro emergencial para uma diária em um hostel, eu não me sujeitaria a essa experiência.

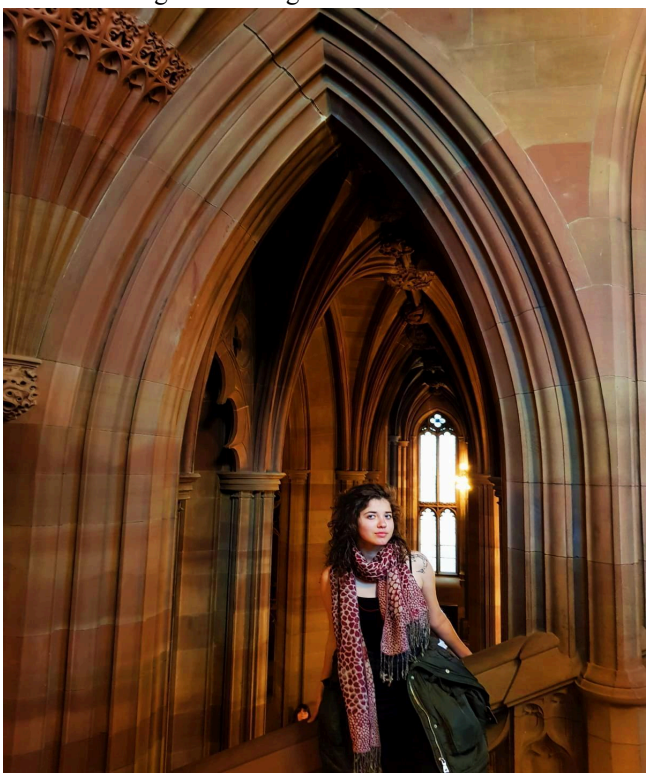
4.9.2 Experiência Inglaterra 2

Em Manchester, aconteceu algo semelhante a Edimburgo. O homem que iria me hospedar, sumiu. Eram quase 20h e ele falou que iria para uma festa, sem previsão de voltar. Ainda pedi para encontrá-lo e deixar minhas coisas em sua casa, mas ele parou de responder minhas mensagens. Por conta do acontecimento anterior em Liverpool, meu estado mental estava diferente de quando houve o acontecimento similar na Escócia.

Assim que cheguei na cidade, liguei o *hangouts* e encontrei um português em uma unidade do *Wetherspoon*, uma rede de *pubs* que existe em todo Reino Unido. Pedi para ficar em sua casa; um pouco constrangida, pois não estava esperando pedir hospedagem para ele.

Ele disse que tudo bem, embora não estivesse planejando receber ninguém naquela noite. Quando chegamos em sua casa, ele foi para o quarto e eu, para o sofá da sala. Fiquei horas solicitando hospedagem para o dia seguinte até dormir.

Figura 11 - Registro em Manchester



Fonte: arquivo pessoal.

Pela manhã, ninguém havia me respondido e eu não estava me sentindo à vontade para pedir para ficar novamente na casa do português. Eu planejava sair de sua casa e encontrar algum lugar com wi-fi (*McDonalds, Starbucks* ou um *Wetherspoon*) para continuar solicitando hospedagem para outros usuários do *Couchsurfing*. Quando estava de saída, ele me ofereceu um abraço. Eu estava tão estressada pelo que tinha acontecido em Liverpool e pela noite anterior, que fiquei desconfiada e desconfortável. O abracei, mas lembro de deixar um pé mais para trás, como se estivesse pronta para fugir. Alguns segundos se passaram e notei que ele só genuinamente, queria me oferecer acolhimento. Chorei copiosamente por mais de meia hora enquanto ele me abraçava. Desabafei; não tinha me dado conta de como o estresse estava se acumulando. Quando me acalmei, ele disse que eu não precisava me preocupar em achar outro lugar para ficar. Acabei ficando mais dois dias em sua casa.

4.9.2.1 Percepções experiência Inglaterra 2

Quando se é uma mulher viajando sozinha, não é incomum estar em estado de alerta. Além do mais, eu tinha apenas 19 anos e foi minha primeira experiência viajando por tanto tempo sozinha e ainda fora do país. O *Couchsurfing* funcionava melhor em umas cidades do que em outras e não era sempre que eu conseguia hospedagem com facilidade. Quanto mais perto da ida, mais difícil era achar hospedagem. A plataforma é ótima para conhecer pessoas, porém depender dela pode ser estressante justamente pela imprevisibilidade.

4.9.3 Experiência Inglaterra 3

Em Birmingham, fui hospedada primeiramente por um estudante português.

Figura 12 - Eu em Birmingham

Fonte: arquivo pessoal

Dormi somente uma noite no local onde ele morava (um alojamento estudantil).

4.9.3.1 Percepções experiência Inglaterra 3

Foi a segunda ocasião em que compartilhei o mesmo cômodo com o anfitrião durante minha estadia, e a experiência foi marcada por uma sensação de tranquilidade e conforto. Conversávamos em português e compartilhamos uma refeição, o que contribuiu para um ambiente acolhedor e informal.

Passei a noite em um colchão no chão ao lado de sua cama, e a atmosfera da situação me remeteu à familiaridade da descontração de uma festa do pijama. Além disso, compartilhamos biscoitos de gengibre. A partilha de alimentos, na minha visão, desempenha

um papel fundamental no sentimento de acolhimento e evidencia como o ato de dividir uma refeição ou um lanche pode ser transformado em um facilitador de integração cultural e aumentar a sensação de hospitalidade.

4.9.4 Experiência Inglaterra 4

Minha quarta experiência foi ainda em Birmingham. A hospedagem foi na casa de uma pesquisadora francesa da Universidade de Birmingham e seu marido indiano. Dormi em uma cama, em um quarto só para mim.

4.9.4.1 Percepções dessa experiência 4

Me senti muito acolhida. Conversei mais com a francesa, que era a *CouchSurfer* da casa. Em uma das noites, fizemos receitas típicas da nacionalidade de cada um: eu fiz brigadeiro, a francesa fez *tarte aux pomme*[11] e seu marido fez *palak paneer*[12].

O que também foi interessante dessa hospedagem, foi o bairro onde eles moravam: *Handsworth.* A maior parte da população desse bairro é composta por imigrantes de maioria asiática. Muitas lojas tinham seus nomes escritos em alfabetos não latinos. Me senti transportada para um país não-ocidental, o que achei fantástico. Vi muitas mulheres vestindo burcas e homens usando turbante (na rua principal, havia muitos templos da religião *Sikh*).

4.9.5 Experiência Inglaterra 5

Em Bristol, dormi no sofá na casa do meu primeiro anfitrião, que era inglês. Ele foi gentil e passeamos juntos pela cidade. Quando minha hospedagem acabou, ele me convidou para ir para a casa de sua família no campo.

4.9.5.1 Percepções dessa experiência 5

Meu anfitrião de Bristol tinha um distúrbio chamado ataxia, então ele utilizava uma cadeira de rodas. Mesmo com sua limitação, ele fez questão de me mostrar a cidade. Sua cadeira tinha um patinete elétrico acoplado, então ele carregava consigo um skate e quando

[11] Torta de maçã em francês.
[12] Prato indiano feito com creme de espinafre e cubos de queijo.

queria ir mais rápido, entregava o skate para mim; eu segurava em sua cadeira e íamos rapidamente para os lugares.

Tivemos muitas conversas filosóficas e conviver um pouco com ele, me fez começar a reparar mais na acessibilidade dos lugares por onde eu estava passando. Um dos motivos de ele morar em Bristol na época, por exemplo, é a acessibilidade do lugar. Segundo o *Bristol Post* (2024), uma em cada seis pessoas em Bristol são registradas como deficientes.

Conviver com ele me fez perceber um pouco da minha indiferença anterior. Acredito que socialmente há um consenso de que acessibilidade é fundamental, mas por não conviver com alguém que vive essa realidade, eu não pensava com frequência e também não reparava na acessibilidade das cidades como um todo.

4.9.6 Experiência Inglaterra 6

Ainda em Bristol, na casa da segunda pessoa que me hospedou, que era polonesa e dividia apartamento com uma grega, dormi em um colchão no chão.

4.9.6.1 Percepções dessa experiência 6

Me senti muito acolhida nessa hospedagem, principalmente como mulher. Eu estava anteriormente dormindo na casa de um homem que me deu carona de Oxford até Bristol e alguns comportamentos dele me deixaram assustada. Mandei mensagem para várias mulheres no *Couchsurfing* e recebi resposta positiva de seis delas (o que é um número expressivo na plataforma). Como a polonesa foi a primeira a me responder, fui para sua casa.

Conversei muito com as duas e ainda fui para a apresentação de dança da grega.

4.9.7 Experiência Inglaterra 7

Em Brighton, não fui eu que solicitei hospedagem. Eu tinha conhecido uma alemã em Bristol e ela se encarregou de solicitar hospedagem para duas pessoas, pois havíamos decidido ir juntas até a cidade, pegando carona. Uma garota da Estônia nos aceitou. Ela dividia apartamento com outra estoniana, que também era usuária do *Couchsurfing* e estava recebendo uma garota chilena.

4.9.7.1 Percepções dessa experiência 7

A troca intercultural foi bastante rica, pois haviam quatro culturas distintas presentes.

4.10 BRUXELAS, BÉLGICA

Em Bruxelas, dormi em um quarto só para mim, em uma cama de casal na casa de uma moça belga. Ela falou que eu poderia comer o que quisesse, inclusive me mostrando uma gaveta de chocolates e me dando livre acesso. Falou que se eu quisesse ficar dentro da casa sozinha para descansar enquanto ela ia trabalhar, eu poderia.

Figura 13 – Minha estada em Bruxelas

Fonte: arquivo pessoal.

Dias mais tarde (pois estendi a minha estadia a convite dela) viajei com ela e sua amiga francesa até Amsterdam, e no mesmo dia ela me deixou em *Sliedrecht*, na casa de colegas que conheci em Edimburgo.

4.10.1 Percepções dessa experiência Bruxelas, Bélgica

Nessa estadia, senti que estava ficando na casa de uma amiga. Me senti muito à vontade e minha anfitriã me contou que ela fez algo parecido ao que eu estava fazendo

quando ela era mais jovem, então me senti compreendida. Em um dos dias da minha estadia, passei o dia dentro de sua casa, apenas assistindo série e passando um tempo sozinha em um lugar confortável. Me senti muito grata por ela confiar e me deixar sozinha dentro de sua casa.

4.11 BERLIM, ALEMANHA

Relatarei, a seguir, as experiências em Berlim.

4.11.1 Experiência de Berlim, Alemanha

Já em Berlim, na primeira estadia dormi em um colchão no chão, em uma das salas do apartamento de uma alemã.

Figura 14 – Eu em Berlim

Fonte: arquivo pessoal.

A hospedagem foi solicitada fora do padrão da plataforma, pois eu a conheci em um *hangout.*

4.11.1.1 Percepções dessa experiência Berlim, Alemanha

A hospedagem foi muito tranquila, não há muito a dizer pois passava a maior parte do dia fora.

4.11.2 Experiência de relacionamento intercultural pelo *Hangout*

O hangout que aconteceu em Berlim me proporcionou uma hospedagem e amizades muito importantes naquele momento da viagem. Hangouts com grandes grupos, na minha experiência são raros pois as pessoas acabam desistindo de se juntarem pela logística. Essa experiência foi diferente. Um grande grupo foi formado; um subgrupo foi formado a partir dele e saímos por dias seguidos. O subgrupo era composto por um nepalês-americano, um turco, uma austríaca, uma francesa, um francês, dois ingleses e eu, brasileira. Em um período aproximado de uma semana, nos vimos praticamente todos os dias e ficamos muito próximos nesse tempo.

4.11.2.1 Percepções dessa experiência sobre relacionamento intercultural pelo Hangout

Essa experiência foi uma das que mais me tocou durante a utilização do *Couchsurfing* na Europa. Com exceção dos ingleses, que eram um casal, todos eram viajantes solo. Acredito que isso influenciou na união do grupo; não só queríamos conhecer a cidade, mas queríamos também passar o máximo de tempo possível juntos. Quando um do grupo ia embora da cidade, todos ficavam tristes. Quando foi meu dia de ir embora, todos que ainda estavam na cidade foram ao ponto de onde sairia meu ônibus. Abracei todos com muita força e chorei, pois, o carinho que estava sentindo por todos era genuíno e estava me sentindo pertencente àquele grupo de natureza temporária.

4.12 ESPANHA

4.12.1 Experiência Espanha 1

Em Valência, dormi em um sofá.

Figura 15 - Eu em Valência

Fonte: arquivo pessoal.

Fui hospedada por um casal de brasileiros, gaúchos.

4.12.1.1 Percepções dessa experiência Espanha 1

Essa experiência me proporcionou uma visão de perto de como é ser um brasileiro que está morando ilegalmente no exterior, em busca de uma vida melhor.

4.12.2 Experiência Espanha 2

Em Madrid, dormi em um sofá cama na casa de uma garota espanhola da minha faixa etária. Ela me apresentou bandas espanholas, como *La Pegatina* e *Ska-P*. A mãe dela fez *gazpacho* para nós, uma sopa fria de tomate, que é típica da Espanha. Minha anfitriã foi comigo ao centro da cidade e participamos de um *free walking tour* juntas. Também almoçamos na casa de outra *CouchSurfer* e fomos para a casa de algum amigo dela, comer pizza e assistir séries.

4.12.2.1 Percepções dessa experiência Espanha 2

As trocas culturais envolveram música e comida. Essa hospedagem foi uma das únicas que me proporcionou a oportunidade de interagir com os pais de um anfitrião. Foi interessante ouvir ela e seus amigos falando espanhol, pois eu imaginava que a barreira linguística não seria tão forte, já que há uma similaridade com o português. Contudo, ela foi mais significativa do que eu imaginava. Quando estamos falando em nossa língua materna, é normal que falemos rápido, então achei divertido observar a interação deles.

4.12.3 Experiência Espanha 3

Ainda em Madrid, na segunda hospedagem, fiquei na casa de um homem francês. Dormi no quarto de seu filho, que não estava presente.

4.12.3.1 Percepções dessa experiência Espanha 3

Saímos juntos uma vez com outros dois *couchsurfers* e ele foi hospitaleiro. Conversamos sobre sentir medo em algumas hospedagens, nas duas visões de hóspede e anfitrião. Também conversamos sobre sua vida profissional e como ser poliglota ajudava em seu trabalho, apesar de não ter sido um pré-requisito para entrar na empresa que ele atuava. Ele acabava mediando e traduzindo algumas interações. Para mim, essa hospedagem foi importante para me guiar no meu futuro profissional, onde acabaria me encontrando na minha graduação atual de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais.

4.13 LISBOA, PORTUGAL

Em Portugal, a hospedagem não foi diretamente pelo *Couchsurfing*, mas sim por via de uma ligação indireta. Uma austríaca que conheci através da plataforma em Berlim, me falou sobre essa amiga de um amigo dela. Mandei uma mensagem para esta garota brasileira no Instagram, contando minha história e ela aceitou me receber em sua casa, inclusive indo me encontrar no aeroporto.

4.13.1 Percepções dessa experiência Lisboa, Portugal

Essa experiência evidenciou para mim o potencial das redes interpessoais que se formam a partir de plataformas de hospitalidade colaborativa, mesmo quando a hospedagem

em si ocorre fora dos meios formais. A receptividade da anfitriã e sua disposição em acolher alguém com quem não tinha vínculo direto inicial, deixou claro para mim que o senso de comunidade transcende os limites da própria plataforma, pois na minha percepção, até as pessoas agregadas há quem pertence à comunidade do *Couchsurfing*, possuem um senso diferente de confiança e hospitalidade.

O fato de a anfitriã ser brasileira também deu um toque familiar ao acolhimento, contrastando com outras experiências em que a imersão cultural se deu em contextos linguísticos e culturais distintos. Para mim, essa hospedagem mostrou como outras redes sociais também são relevantes para hospedagens solidárias.

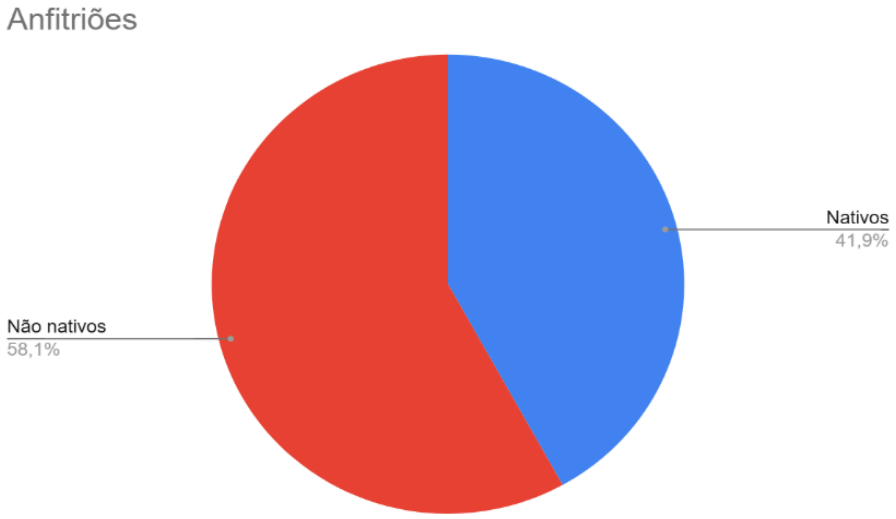
4.14 DADOS GERAIS E REFLEXÕES SOBRE OS ANFITRIÕES

A seguir apresenta-se os dados gerais dos anfitriões e algumas reflexões.

4.14.1 Síntese dos dados sobre os anfitriões.

No primeiro gráfico, é possível ver que a maioria dos anfitriões (que me hospedaram) foram não-nativos dos países que eu visitei, o que pode ser um fator que indica uma maior frequência online na plataforma por parte dos *Couchsurfers* estrangeiros.

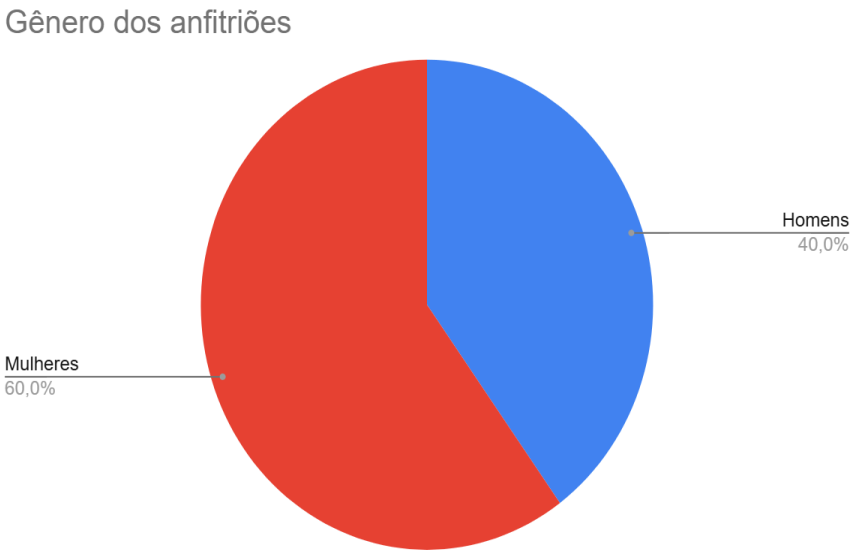
Gráfico 1 - Perfil de nacionalidade dos anfitriões



Fonte: Elaboração própria.

O segundo mostra o perfil de gênero dos anfitriões, mostrando que 60% dos que me receberam foram mulheres, contudo, o segundo gráfico foi mais influenciado pela minha preferência pessoal, portanto, não significa que não tinha opções de acolhimento por parte de homens, sendo uma escolha pessoal sempre preferir, quando possível, ser recebida por mulheres.

Gráfico 2 - Perfil de gênero dos anfitriões



Fonte: Elaboração própria.

Uma das coisas que influenciou nessa porcentagem, foram os usuários mais ativos nas cidades visitadas. Quando o processo de solicitação de hospedagem ia ser iniciado, eu ativava o filtro de “acessos mais recentes” pois isso aumentaria a probabilidade de resposta, mesmo que fosse negativa. Além disso, era observada a taxa de resposta do usuário. Geralmente, eu solicitava hospedagem para quem tinha uma taxa de resposta de 100% à 90%

Ao enviar solicitações de hospedagem, eu selecionava aqueles que eram mais ativos na plataforma e possuíam mais referências. Contudo, por preferência pessoal eu optava por dormir mais na casa de mulheres, por me sentir mais confortável. A presença de 40% de anfitriões do sexo masculino nos dados analisados pode ser atribuída, em grande parte, à ausência de resposta ou recusa por parte das usuárias do gênero feminino. Na minha experiência, o usuário do sexo masculino aceita a hospedagem mais facilmente.

Uma das coisas que pude perceber foi que todos os anfitriões que me receberam por mais de uma noite, ofereceram suas máquinas de lavar e secar roupas para que eu pudesse

realizar a higienização das minhas vestimentas. Acredito que para os anfitriões, lavar roupas está tão incluído na hospedagem quanto tomar banho.

Outra coisa que notei, é que a grande maioria oferece alimento. Apenas uma pessoa não me ofereceu café da manhã e etc. Entre os usuários com quem pude interagir, há um consenso no pensamento de que nenhum anfitrião é obrigado a alimentar seus hóspedes. Porém, mesmo com esse consenso, o comum na minha experiência foi a gentileza do convite às refeições.

Ademais, a maioria dos anfitriões eram não nativos e a maioria esmagadora era bilíngue. Pois salvo a Inglaterra e a Escócia que tem o inglês como língua oficial, isentando os nativos da "necessidade" de aprender outro idioma, todos os outros anfitriões de outros países (nativos ou não) tinham o inglês como língua franca.

Além disso, como dito anteriormente, a maioria das anfitriãs foram mulheres e havia um sentimento diferente de acolhimento, pois no geral todas tinham receio de possíveis situações de assédio na plataforma, caso hospedassem alguém do sexo oposto, o que fazia a confiança se elevar entre nós (pois no geral, não havia medo de um assédio vindo do feminino) e consequentemente, a tranquilidade da hospedagem.

5 MINHA EXPERIÊNCIA COMO ANFITRIÃ

A minha curta vivência como anfitriã se passou principalmente em João Pessoa. Minha experiência nas hospedagens em Garanhuns foi mais de "ponte" entre os usuários do *Couchsurfing* e minha família, pois eu estava fora do país. Eles primeiro solicitaram hospedagem a mim e depois do aceite da minha família, aceitei suas solicitações na plataforma para deixar registrado e tornar oficial.

Em João Pessoa, foram três hospedagens. A primeira quando eu estava morando sozinha; a segunda e a terceira, quando eu morava com outras duas estudantes da UFPB.

5.1 GARANHUNS

Foram dois episódios no mês de julho de 2019, durante o festival de inverno de Garanhuns.

I. A primeira estava com uma amiga e pediu uma hospedagem de emergência, pois elas estavam acampando na rodoviária e entrou água na barraca. Minha família as acolheu, cederam meu quarto para elas e compartilharam comida.
II. O segundo foi um homem viajante, que conhecia a primeira pessoa que me hospedou pelo *Couchsurfing* em Recife. Novamente, o quarto foi cedido e a comida compartilhada.

5.1.1 Percepções da experiência em Garanhuns

Como eu não estava presente, tenho apenas as informações das percepções da minha família. Meus irmãos, não se sentiram à vontade com pessoas desconhecidas dormindo lá, principalmente o mais velho. Quando as meninas estavam hospedadas, dormiram no quarto junto com minha tia, mas quando foi o rapaz, ela cedeu o quarto.

Segundo eles, a família é fechada para esse tipo de coisa, mas resolveram hospedar justamente porque haviam pessoas fazendo isso comigo no exterior, então para eles, também foi uma forma de mostrar gratidão. Mas, nas palavras do meu pai "confiamos com um pé atrás". Minha mãe ficou mais desconfiança, mas interagiu com os *Couchsurfers* da mesma forma. Tomaram café e almoçaram juntos. Meu pai levou o rapaz da segunda hospedagem

para passear pela cidade, levando-o ao relógio das flores e ao Cristo do Magano. Segundo minha tia, ele até levou o rapaz para comer mocotó em um lugar mais simples.

Para o rapaz, foi um empréstimo de um casaco e um guarda-chuva para que ele passeasse na cidade.

As meninas deixaram um quadrinho com uma frase de presente, como agradecimento.

Pelo que percebo, as hospedagens ocorreram tranquilamente, mas com um receio por serem desconhecidos. Minha tia me contou que ficou com menos medo pelo fato de eles também serem pernambucanos.

5.2 JOÃO PESSOA

Em João Pessoas foram minhas primeiras experiências recebendo pessoalmente viajantes. Agora, serão relatadas as três hospedagens oferecidas.

5.2.1 Experiência João Pessoa 1

A primeira hospedagem foi feita quando eu estava morando sozinha em um *kitnet*. Minha hóspede foi uma mochileira paulista comunicativa e com cerca de 30/40 anos. Compartilhei minha comida e a viajante dormiu na sala, em um colchão inflável de casal. Quando fui à universidade, decidi fazer o que fizeram várias vezes comigo ao longo do mochilão que fiz: deixar ela em minha casa, com a minha única chave. Quando cheguei da aula, ela havia lavado minha louça e feito comida para nós duas.

5.2.1.1 Percepções dessa experiência João Pessoa 1

Estava um pouco tensa, por ser a primeira vez que iria hospedar alguém pessoalmente. Porém em pouco tempo, relaxei. Quando cheguei da aula e me deparei com sua gentileza, fiquei imensamente grata. Ela me contou sua história de vida e senti na pele o que é ser uma anfitriã do *Couchsurfing*; pois estar em contato com uma pessoa que está desbravando, é como se fosse uma forma alternativa de desbravar o mundo. Uma forma de mudar a rotina, sem necessariamente sair dela ou dar pausa nas obrigações. A paulista dormiu duas noites na minha sala e hoje ela ainda está pelo mundo.

5.2.2 Experiência João Pessoa 2

A segunda recepção foi uma viajante australiana que conheci em Pipa e que me solicitou hospedagem oficialmente pelo *Couchsurfing*. Eu já havia oferecido minha casa para ela ficar em João Pessoa quando nos conhecemos. O *Couchsurfing* foi apenas uma forma de deixar oficial.

5.2.2.1 Percepções dessa experiência João Pessoa 2

A hospedagem foi tranquila. A ajudei a resolver questões da renovação de seu visto e ela ficou por duas noites em minha casa. O que achei mais curioso, foi quando decidimos nos seguir no Instagram: descobrimos que tínhamos uma seguidora em comum — a minha anfitriã de Berlim. Para mim, isso simboliza como a rede *Couchsurfing* contribui para a formação de conexões globais, que de certa forma, tornam o mundo menor.

5.2.3 Experiência João Pessoa 3

A terceira, foi feita quando estava morando com duas outras estudantes. Duas viajantes argentinas solicitaram hospedagem. Elas estavam viajando de carona pelo Brasil e solicitaram apenas uma noite. Elas dormiram em um colchão inflável na sala. Compartilhamos comida e elas prepararam um jantar para todas.

5.2.3.1 Percepções dessa experiência João Pessoa 3

A hospedagem foi muito tranquila; as meninas ficaram pouco tempo dentro de casa, pois deixaram suas coisas e passaram quase o dia todo fora.

6 UM BREVE GUIA DE SEGURANÇA PARA *COUCHSURFERS*

Abaixo deixo algumas sugestões a quem for utilizar a plataforma, baseado em minhas experiências e o que ouvi de relatos de outros *Couchsurfers* que conheci pessoalmente ou de usuários que contam suas histórias em fóruns na internet ou nos grupos que existem na versão *browse.*

1. Idealmente, solicite hospedagem com anfitriões que tenham referências. Um usuário sem referências pode ser apenas um usuário novo, mas aqueles que já tiveram contato com outros *Couchsurfers*, mesmo que apenas em *hangouts*, passam mais credibilidade e confiança. Para complementar, entre em contato com alguns hóspedes que já ficaram hospedados na casa do possível *host*;
2. Escolha anfitriões que hospedem todos os gêneros, evitando pessoas que hospedam quase que exclusivamente, hóspedes do sexo oposto. Claro, isso é apenas uma generalização, não é possível mensurar a quantidade de usuários utilizando a plataforma com intuitos que vão além da hospedagem. Contudo, pelas minhas percepções e vivências e pelos relatos de colegas que utilizam o *Couchsurfing*, infelizmente, essa generalização pode prevenir situações desconfortáveis e/ou potencialmente perigosas;
3. Leia todo o perfil do usuário. Quem de maneira caprichosa preenche todas as informações, geralmente se mostra mais confiável;
4. Tenha a opção de pagar por uma hospedagem. Caso você não se sinta bem, você não é obrigado a permanecer em um ambiente que te deixe aflito;
5. Utilize a intuição como método filosófico na tomada de decisões.[13]

[13] Ver Teoria da Intuição de Henri Bergson. Aqui, sugiro a utilização da intuição como ferramenta auxiliadora na tomada de decisões.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho foi o de relatar minha experiência com o *Couchsurfing*, e isto foi cumprido. Os objetivos específicos também foram cumpridos: consegui compartilhar minhas percepções dos acolhimentos diversos, choques culturais, meus momentos de vulnerabilidade e como essas experiências geraram autoconhecimento e conhecimento do outro.

A plataforma *Couchsurfing* foi, na minha vivência, a chave que tornou viável uma viagem de nove meses pela Europa, com pouquíssimos recursos financeiros. Mais do que uma ferramenta de economia compartilhada, ela funcionou como ponte intercultural, que talvez, não tivesse me proporcionado encontros tão diversificados se tivesse optado por hotéis ou outras hospedagens mais tradicionais.

Pude dormir no sofá de uma jornalista sérvia, na casa de uma pesquisadora francesa, escutar histórias sobre o Irã diretamente de um iraniano e sentir o acolhimento de uma belga que viu em mim suas próprias aventuras do passado. Em algumas estadias, fui recebida como parte da família; em outras, precisei lidar com desconfortos e tensões – algumas sutis, outras mais evidentes.

É necessário reconhecer que o custo de utilizar o *Couchsurfing* de maneira contínua vai além do físico ou do logístico: é também emocional, chegando a ser tenso e, por vezes, estressante, mas na minha percepção, vale a pena. A constante exposição a ambientes e pessoas novas exige uma disposição mental que nem sempre é possível. A instabilidade emocional provocada por situações inesperadas – como anfitriões que desaparecem, convivências desconfortáveis ou sentimento de que é necessário estar alerta – revelam que a hospitalidade gratuita nem sempre vem desacompanhada de cobranças implícitas ou de tensões silenciosas. Estar disposto a estabelecer vínculos com o outro é enriquecedor, porém estar em uma posição de hóspede, demanda uma energia que se torna insustentável emocionalmente caso essa configuração dure meses.

Essa experiência também me levou a refletir sobre o papel da confiança em redes colaborativas. Na maioria das hospedagens, fui acolhida por pessoas com quem não havia trocado mais do que algumas mensagens – e mesmo assim, dividimos refeições, histórias, chaves da casa e, por vezes, lágrimas. Porém, houve situações em que me vi exposta a desconfortos por confiar em perfis que, à primeira vista, pareciam seguros. Ao longo dessas vivências aprendi não só a utilizar a intuição como ferramenta auxiliar na tomada de decisões,

mas também de criar estratégias de segurança que possam oferecer alternativas diante de situações adversas.

A dimensão intercultural esteve presente em todas as estadias, mesmo nas que fui hospedada por brasileiros. Esteve presente desde o cuidado de anfitriões que se preocupavam com restrições alimentares, até nos diálogos sobre diferenças de valores, percepções e hábitos. O *Couchsurfing* me permitiu vivenciar a hospitalidade de forma ampla, atravessando fronteiras geográficas, culturais, linguísticas e afetivas. A diversidade de experiências – tanto como hóspede quanto como anfitriã – evidenciou como um mundo vasto pode ser pequeno a partir das conexões com desconhecidos que passam pelos mesmos problemas existenciais, afetivos e financeiros independente da cultura.

Ao longo do percurso, o *Couchsurfing* se mostrou eficaz como potente ferramenta de apoio ao viajante, mas como único meio de hospedagem, pode ser arriscado. Quando utilizado com equilíbrio e cautela, pode gerar conexões profundas, economia, aprendizados interculturais e uma nova compreensão do que é se sentir acolhida – mesmo em lugares e culturas distantes.

Esse trabalho traz ao curso de LEA-NI informações sobre a hospedagem solidária e também a oportunidade de explorar as nuances de experiências interculturais, em um contexto mais próximo já que as experiências relatadas foram vivenciadas por uma aluna.

Sugere-se estudos futuros voltados às hospedagens solidárias e democratização do turismo como também instigo a exploração do nicho de consumo colaborativo e das experiências culturais nascidas desse tipo de consumo. Também deixo como sugestão para estudos futuros trabalhos mais voltados para a sociologia da hospitalidade.

Esse trabalho também traz a visão do que é viajar utilizando plataformas alternativas de hospedagem, sendo útil para aqueles que desejam viajar, porém possuem limitações financeiras, ajudando na democratização do acesso ao turismo e ao intercâmbio. Pessoalmente, escrever esse trabalho me fez enxergar por outro ângulo não somente o fenômeno da hospitalidade, como também das relações humanas.

Finalizo este trabalho não apenas com o relato de uma vivência que foi ímpar na minha existência, mas com a convicção de que narrar essas vivências é também um ato de resistência. Ao compartilhar as nuances de ser uma mulher viajando sozinha pelo mundo, acredito que isso pode contribuir no caminho de outras mulheres que desejam viajar sozinhas ou de qualquer pessoa que possua esse desejo. Com estratégias, podemos utilizar as ferramentas de hospedagem solidária e passar por experiências fenomenais de caráter intercultural que podem mudar nossas visões de mundo e a nós mesmos.

REFERÊNCIAS

AIRBNB. **Airbnb comemora marca de 5 milhões de anfitriões.** 2024. Disponível em: https://news.airbnb.com/br/airbnb-comemora-marca-de-5-milhoes-de-anfitrioes/#:~:text=Hoje%2C%20a%20plataforma%20tem%20o,uma%20comunidade%20global%20e%20diversificada. Acesso em: 08/01/2025.

ALMEIDA JÚNIOR, J. A. G. de. **A comunidade *Couchsurfing*:** os principais fatores que influenciam a tomada de decisão de seus usuários. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

BERGSON, H. **Seleção de textos e tradução Franklin Leopoldo e Silva.** São Paulo: Nova Cultural. Coleção Os Pensadores, 1989.

BIANCHI, C. *Solo holiday travellers: motivators and drivers of satisfaction and dissatisfaction.* ***International Journal of Tourism Research*, *Hoboken: John Wiley & Sons***, v. 18, n. 2, p. 197-208, 2016. DOI: https://doi.org/10.1002/jtr.2049.

BOTSMAN, R; ROGERS, R. ***What's mine is yours:*** *the rise of collaborative consumption.* New York: HarperCollins, 2010.

BRASIL DE FATO**. O problema não é viajar, é ser mulher:** viajantes solo associam violência ao machismo. São Paulo, 12 jan. 2024. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2024/01/12/o-problema-nao-e-viajar-e-ser-mulher-viajantes-solo-associam-violencia-ao-machismo. Acesso em: 21/04/2025.

BRISTOL POST. ***One in six Bristol people registered disabled, figures show***. 16 set. 2021. Disponível em: https://www.bristolpost.co.uk/news/bristol-news/one-six-bristol-people-registered-9760654. Acesso em: 25/032025.

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

CAMPBELL, A. **Portas abertas:** três meses na Europa sem um centavo no bolso. Rio de Janeiro: RR Donnelley, 2015.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados:** mapas da interculturalidade. São Paulo: Editora UAB, 2004. p. 15.

CHIANG, C.-Y.; JONGARATNAM, G. *Why do women travel solo for purposes of leisure?* ***Journal of Vacation Marketing*, Londres**, v. 12, n. 1, p. 59–70, 2006.

CNN BRASIL. ***Quem era Julieta Hernández, artista venezuelana morta no Amazonas.*** 8 jan. 2024. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/quem-era-julieta-hernandez-artista-venezuelana-morta-no-amazonas/. Acesso em: 21/04/2025

COUCHSURFING. ***About us***. Disponível em: https://about.couchsurfing.com/about/about-us/. Acesso em: 15/01/2025.

CORRÊA, E. P. **Mulheres na estrada:** encontros etnográficos nas rotas da América do Sul. 2023. 298 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

CUNHA, R. C. A pesquisa narrativa: uma estratégia investigativa sobre o ser professor. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 5., 2009, Teresina**. Anais [...].** Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2009. GT 2. Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação.

DUTRA, M. **Turismo 2.0:** um estudo de perfil de usuários da rede Couchsurfing. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Públicas) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25573/000754724.pdf?seque Acesso em: 28/01/2025

MILHEIRO, E.; MELO, C. **O *Grand Tour* e o advento do turismo moderno.** Aveiro: Escola Superior de Educação de Portalegre, Universidade de Aveiro, dezembro de 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/261632848_O_Grand_Tour_e_o_advento_do_turismo_moderno. Acesso em: 15/01/2025.

MOCHILEIROS.COM. **Mochileiros.com:** a maior comunidade de viajantes independentes da América Latina. Disponível em: https://www.mochileiros.com. Acesso em: 21/01/2025

MOLZ, J. G. *Social networking technologies and the moral economy of alternative tourism: The case of Couchsurfing.org*. ***Annals of Tourism Research***, v. 43, p. 210–230, 2013. ISSN 0160-7383. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738313001096. DOI: 10.1016/j.annals.2013.08.001. Acesso em: 15 jan. 2025.

OLIVEIRA, J. R. de. Estudo do segmento de turistas internacionais Backpackers no Brasil. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO EM TURISMO- ANPTUR, Ed 4., 2007, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: 2007.

OLIVEIRA, V. M. de; SATRIANO, C. R. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, *[S. l.]*, v. 23, n. 51, p. 369–386, 2018. DOI: 10.26512/lc.v23i51.8231. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/8231. Acesso em: 15/01/2025

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **OMS: uma em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência.** 2021. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/115652-oms-uma-em-cada-3-mulheres-em-todo-o-mundo-sofre-viol%C3%AAncia. Acesso em: 24/04/2025.

OXFORD LANGUAGES**. Definição de "turismo"**. Disponível em: https://www.google.com. Acesso em: 08/01/2025.

RIBEIRO, K. C. C. **Meios de hospedagem.** Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas, 2011. 62 p. Curso Técnico em Hospedagem. ISBN: 978-85-63576-31-6. Disponível em: https://proedu.rnp.br/bitstream/handle/123456789/646/Meios_de_Hospedagem_COR_CAPA_ficha_ISBN_20120808.pdf?sequence=1. Acesso em: 10/02/2025.

SALGUEIRO, V. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. **Revista Brasileira de História,** vol. 22, nº 44, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbh/a/6hKN4T5Shdv7gn5w7c8RWRf/#. Acesso em: 06/02/2025.

SILVA, L. A.; BARBOSA, M. L. A.; FARIAS, M. L. A identidade do turista e o consumo colaborativo: uma análise a partir do discurso percebido pelos consumidores da plataforma Airbnb. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 15, n. 2, e-1993, maio/ago. 2021. Disponível em: http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v15i2.1993. Acesso em: 06/02/2025

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: LED/UFSC, 2000.

SILVA, V. L. da. **Ser e estar mochileiro:** seria possível falar em carreira sustentável? 2022. Dissertação (Mestrado em Administração) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre, 2022. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/24797. Acesso em: 10/02/2025

WEISSMANN, Lisette. Multiculturalidade, transculturalidade e interculturalidade. **Revista Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v26n27/04.pdf. Acesso em: 08/01/2025.

WILSON, E. C.; LITTLE, D. E. *The solo female experience: exploring the 'geography of women's fear'*. ***Current Issues in Tourism***, Londres, v. 11, n. 2, p. 167–186, 2008.

WORLD POPULATION REVIEW. ***Most dangerous countries for women*****.** 2024. Disponível em: https://worldpopulationreview.com/country-rankings/most-dangerous-countries-for-women. Acesso em: 09/02/2025